

**Uma família como a minha: um olhar sobre a construção de vínculo
afetivo na perspectiva de famílias adotivas**

Júlia Nacfur Peçanha

Brasília - DF

Junho de 2022

Uma família como a minha: um olhar sobre a construção de vínculo

afetivo na perspectiva de famílias adotivas

Júlia Nacfur Peçanha

Projeto de monografia apresentado à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como requisito parcial para conclusão do curso de Psicologia.

Professora orientadora: Prof^a Ma. Izabella Rodrigues Melo.

Brasília - DF

Junho de 2022

Folha de Avaliação

Júlia Nacfur Peçanha

Uma família como a minha: um olhar sobre a construção de vínculo afetivo na perspectiva de famílias adotivas

Banca Examinadora

Prof^a Ma. Izabella Rodrigues Melo

Avaliador (a):

Avaliador (a):

Brasília - DF

Junho de 2022

Sumário

Resumo	5
Introdução	6
Objetivos	8
Fundamentação Teórica	9
Método	17
Participantes	18
Instrumentos	19
Procedimentos	
19	
Análise de dados	20
Resultados e discussões	23
Considerações finais	
Referências Bibliográficas	
Apêndices	
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	
Apêndice B – Roteiro entrevista semiestruturada	
Anexos	
Anexo A - Codificação das entrevistas com os casais	

Resumo

Nesse trabalho, pretendeu-se melhor compreender os fatores que contemplam a chegada de uma criança na dinâmica familiar e quais desses fatores estão ligados a formação do vínculo afetivo nesse contexto. Para isso, entende-se aqui o ambiente familiar como o primeiro espaço de socialização existente, ambiente este de multi configurações, uma delas sendo as famílias constituídas através da adoção. Levanta-se nesse momento os principais aspectos que auxiliam o processo de se tornar família, dentre eles se encontram o respeito, a compreensão e a confiança, campos fundamentais para o desenvolvimento do vínculo afetivo.

Realizou-se, então, um estudo qualitativo, de natureza exploratória acerca da construção do vínculo afetivo parento-filial em famílias adotivas, realizado através de entrevistas semiestruturadas com quatro casais de pais por adoção, que permitam uma ampla exploração do fenômeno desejado e permitindo o alcance dos objetivos. Os dados coletados foram submetidos a uma análise de conteúdo, segundo o método de Laurence Bardin, o que permitiu identificar como principais recursos que auxiliam o desenvolvimento do vínculo afetivo, a confiança, o diálogo, suporte social e respeito.

Palavras-chave: vínculo afetivo; adoção; família;

Introdução

O debate em torno das questões relacionadas ao vínculo afetivo associado à adoção parece ser corriqueiro, porém, ainda há muito a ser discutido acerca do tema, principalmente quando consideram-se as mudanças a respeito das estruturas e dinâmicas familiares e as novas concepções de família, que não são estáticas, estando em constante transformação ao longo do tempo. Temos a família como o primeiro espaço de socialização existente, sendo esse espaço essencial para o desenvolvimento das habilidades sociais, além de ser responsável por inserir o sujeito na sociedade, assumindo determinado papel (Martins, Sarmiento e Alves, 2019).

Se nos voltarmos à história de nosso país, é possível identificar que o processo de industrialização brasileira e a chegada do capitalismo no Brasil proporcionou diversas mudanças da dinâmica familiar, a priori de caráter patriarcal. Observa-se, ao decorrer do tempo, um crescimento da participação da figura masculina em afazeres domésticos e políticas de adoção, por exemplo. A partir daí é facilitado o surgimento de novos arranjos e múltiplas configurações familiares que fogem dos aspectos sociais hegemônicos, como a heteronormatização e consanguinidade (Rosa, Boris, Melo e Santos, 2016). Moraes, Lima e Fernandes (2014) reforçam essa ideia, afirmando que as novas configurações de família trazem a definição do que é ou não família para além dos critérios voltados a consanguinidade, antes predominantes e passa a considerar aspectos como a afinidade, coabitação e relações afetivas entre os membros por exemplo, além de proporcionar condições básicas como afeto e segurança aos indivíduos (Albuquerque e Alberto, 2021).

Dentre as novas concepções de família presentes na contemporaneidade encontram-se as famílias constituídas através da adoção. No Brasil, a adoção legal percorreu um longo caminho, tendo sido tratada pela primeira vez em 1916, com o surgimento da primeira lei no Código Civil Brasileiro, que defendia, na época, a adoção para casais sem filhos

consanguíneos, com idades abaixo dos 50 anos, de forma que o processo de adoção era associado a uma maneira de proporcionar uma prole àqueles que enfrentavam a esterilidade. Somente em 1957, a idade mínima do adotante foi reduzida de 50 para 30 anos e não seria mais requisito não ter uma prole natural, de forma que o objetivo principal da adoção deixou de ser remediar a esterilidade. Na década de 1980, foi posto em pauta um debate acerca do papel da criança e adolescente, de forma que a Constituição de 1988 traz como dever da família, da sociedade e do Estado assegurar às crianças o direito à vida, saúde, educação e dignidade por exemplo, além de protegê-las de negligência, violência e exploração, além de pela primeira vez equiparar filhos adotivos aos consanguíneos em termos de direitos, sem discriminá-los. Dessa forma, o processo adotivo caminha para a consciência social em prol de processos adotivos responsáveis e respeitosos (Ghidorsi, 2018).

Quando tratamos sobre o processo de se tornar família através da adoção, é importante levantar aspectos que o facilitem como o respeito, conhecimento acerca do assunto e principalmente a formação de vínculo afetivo entre os membros, visto que este é um campo fundamental para o desenvolvimento psicossocial humano e para a origem de qualquer relacionamento interpessoal. Pode-se enxergar o vínculo afetivo em relações entre cuidadores e crianças como uma forma de subsistência, proporcionando um ambiente sadio, os cuidados básicos necessários e suprimindo as necessidades afetivas (Silva e Neto, 2012). A maneira que esse vínculo afetivo é manifestado, por ambos os lados, é importante para a consolidação das relações, além de influenciar na formação da personalidade, estrutura emocional e relações sociais da criança (Lemos, Gechele, e Andrade, 2017).

Ao longo dos anos diversos autores, como Bowlby e Ainsworth, contribuíram ativamente na compreensão do vínculo afetivo e de como ele se consolida de forma prática nas vidas e relações das pessoas. É enfatizado que uma criança passa a desenvolver estruturas sociais básicas que as permitem se diferenciar do outro, como um bebê que passa a

compreender que ele é um ser diferente daquele que cuida dele, seja uma mãe ou um cuidador (Bowlby, 2002). E a partir dessa diferenciação e de como vai criando afeto pelas coisas, passa a direcionar esse afeto àqueles com quem tem vínculo e se relaciona ativamente, possivelmente com intenção de se manter emocionalmente conectado àquele outro indivíduo, além de buscar nele suprir sua necessidade de segurança para se desenvolver de maneira saudável (Silva e Germano, 2012).

Um recurso prático interessante quando se trata da vinculação afetiva é a participação em grupos, assim como ter uma rede de apoio social. Essas são ferramentas que oferecem suporte, assim como um local de escuta para os sentimentos, expectativas e desafios que surgem a partir da chegada de um filho. O compartilhamento dessa experiência enriquece os adotantes no sentido de lhes oferecer diversas possibilidades de intervenção para as mais diversas situações. Outro ponto importante a se pensar é em relação ao amor e o reconhecimento como filho e como pais, que nem sempre acontece de imediato, é comum que seja um momento de fragilidade tanto para os adotantes quanto para as crianças, as habilidades necessárias para a vinculação, como a capacidade de apego, são desenvolvidas aos poucos (Levy, Diuana e Pinho, 2009).

Pensando sobre o contexto de famílias adotivas é importante ressaltar que cada ser se desenvolve de forma singular e crianças que estiveram em situação de acolhimento podem ter necessidades e desenvolver o vínculo afetivo de forma diferente com suas famílias durante o processo de adoção, além de que para ambos os envolvidos nessa relação acontece uma mudança na concepção e estrutura de família, de forma que se faz necessário olhar individualmente para a situação e entender o contexto em que o vínculo foi construído para melhor compreender esse processo. Levando em consideração a temática abordada acima, o presente estudo se propõe a analisar os impactos da chegada de uma criança adotada sobre o desenvolvimento de vínculo afetivo com a família adotante, sendo este seu principal objetivo.

A partir disto levanta-se uma hipótese de que o vínculo afetivo no contexto de famílias adotivas se dá através de aspectos como a proximidade e confiança desenvolvidos perante os pais ou cuidadores.

O desenvolvimento do estudo proposto justifica-se a partir de sua relevância perante a necessidade de maior investigação a respeito da adoção na perspectiva dos adotantes, dado que os estudos referentes ao processo de adoção no Brasil ainda não são suficientes para sanar diversos questionamentos atrelados a compreensão dos aspectos psicológicos envolvidos no processo de adoção (Bento, 2008; Reppold e Hutz, 2002; Sonogo e Lopes, 2009). Além disso, a sugestão de Ribas e Moura (2004) de melhor investigação da Teoria do Apego em contextos socioculturais diferentes reiteram a importância dessa pesquisa, visto que a mesma investiga o vínculo afetivo à luz da teoria de Bowlby no contexto de famílias adotivas.

Fundamentação Teórica

Família é entendida aqui como uma construção social, possuindo vasta pluralidade de configurações e considerando a dinâmica de vínculos socioafetivos. A justiça brasileira já entendeu família como sendo constituída por pais e filhos unidos regularmente pelo Estado, mas, com a Constituição de 1988, passa a ser reconhecida como família, a união de qualquer um dos pais e seus filhos, além da união estável, garantindo a proteção de famílias não constituídas pelo casamento (Pereira, 2003). Para Saraceno (1997), família se mostra como lugar favorável a construção de representações sociais, visto que é na relação familiar onde são estabelecidas noções de regras e comportamentos, além de atribuição de significado a acontecimentos naturais e individuais, como o nascimento, crescimento, morte e sexualidade (Saraceno, 1997). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a família é estabelecida como um conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residindo em mesma unidade domiciliar, ou uma só

pessoa residindo em unidade domiciliar. Dessa forma, considera-se como configuração familiar a união entre um dos pais e seus filhos, casais sem filhos, e até mesmo pessoas solteiras como uma família unipessoal (Brasil, 1999).

Os novos modelos de configuração familiar sugerem uma redefinição no que diz respeito aos papéis exercidos pelos membros destes núcleos, assim como a interação entre eles, centradas na valorização dos laços de afetivos, em detrimento da exigência da consanguinidade. A separação e novos casamentos dos pais, por exemplo, excluem e incluem membros ativos na criação dos filhos, o que torna necessário o diálogo interno sobre a organização desse núcleo. O núcleo familiar se adapta às mudanças em suas composições através da construção de novos modos de se relacionar (Oliveira, Siqueira, Dell’Aglia, e Lopes, 2008). Adjacente às novas configurações familiares, estão os novos arranjos nos modelos de adoção, que se constitui como um ato jurídico no qual uma pessoa recebe o outro como filho, baseada na relação afetiva, independentemente de qualquer grau de parentesco ou vínculo consanguíneo (Pereira, 2006). A adoção preza por proporcionar a parentalidade e filiação viabilizando a convivência familiar, direito da criança e adolescente previsto pela lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente. (Brasil 2009; Vicente, 2006).

A separação da família biológica ocorre, em sua maioria, em decorrência de situações de risco ou violência, como negligência, abandono, violência doméstica, abuso sexual, dependência de álcool e outras drogas e até mesmo pela condição socioeconômica familiar, de forma que a escassez de recursos não possibilita condições e cuidados necessários a criança, sendo que segundo o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), muitas das vezes há mais de uma motivação registrada (Passos e Silva, 2017; CNMP, 2013). A adoção possibilita reconstruir uma forma relacional perdida na ruptura com a família biológica.

Esse rompimento com os laços biológicos, principalmente em um momento precoce como a infância, em que a vinculação afetiva pode ser considerada como um fator importante para o desenvolvimento, romper os laços com as tradicionais figuras de afetos, os genitores, pode apresentar potencial perigo ao desenvolvimento emocional saudável dessa criança (Levinzon, 2018). Bowlby (2001) lista alguns dos perigos relacionados a privação de afeto e atenção na infância. A compreensão dos vínculos afetivos criados de forma instintiva, relacionados a sobrevivência, proteção e segurança, colabora para a ideia de que os vínculos afetivos são expressos através dos comportamentos de apego, como abraços, por exemplo.

Dessa forma, é sugerido que as experiências com os pais ou cuidadores na infância está relacionada ao desenvolvimento da capacidade de estabelecer vínculos afetivos, dado que é construída por toda a vida, moldando-se através das formas de relacionamento encontradas no decorrer do desenvolvimento do ser humano. É possível associar as vivências traumáticas da infância com casos de depressão na vida adulta, dado que o padrão familiar ocorrido na infância tende a persistir durante o desenvolvimento até a vida adulta, influenciando nas habilidades sociais do indivíduo, assim como pode-se observar a relação entre as experiências afetivas com pais ou cuidadores e a capacidade de estabelecer vínculos afetivos, iniciar e manter relações na vida adulta (Dugnani, 2009).

Dessa forma, entende-se que criança adotada carrega consigo uma bagagem psíquica adquirida em suas vivências, principalmente aquelas em fase de adoção tardia. Respeitar as experiências da criança adotada é fundamental para ressignificar um passado possivelmente traumático, pois reflexos dessa história e as marcas psíquicas geradas pela ruptura parental podem repercutir na construção de novos vínculos, além de afetar a fase de desenvolvimento da criança, visto que esta é uma fase onde as ligações e relações primárias são consolidadas (Sampaio, Magalhães, e Féres-Carneiro, 2018).

Uma criança que vivenciou uma experiência como a destituição da família de origem pode vir a apresentar certa dificuldade com relacionamentos e interações sociais, sendo possível observar uma tendência ao afastamento com objetivo de evitar novos sofrimentos associados a questão relacional (Medeiros, 2020). A adoção da criança possibilita uma nova continuidade à sua história, de forma que os pais adotivos auxiliam na elaboração dos possíveis traumas e vulnerabilidades referentes ao passado, oferecendo amparo a criança, como uma espécie de função terapêutica. (Levy e Bittencourt, 2013).

O processo para constituir uma família adotiva se dá em algumas fases. A partir da decisão pela adoção, o pretendente deve procurar um Fórum ou Vara da Infância e da Juventude de sua região e dar entrada em um processo de habilitação à adoção, realizando primeiramente um cadastro de identificação contendo seus dados pessoais, além de características, como faixa etária ou sexo, que determinem um perfil que auxiliará na escolha pela criança a ser adotada. Posteriormente, o candidato é submetido a uma triagem composta por avaliação psicossocial, entrevistas e visitas domiciliares, realizada por uma equipe técnica multidisciplinar do Poder Judiciário. O passo seguinte é a inserção do candidato em um programa de preparação para adoção, onde este receberá mais informações jurídicas e sociais sobre todo o processo, além de ser orientado e preparado para ele, assim como para as possíveis dificuldades que apareçam no caminho (Brasil, 2009).

Assim que a solicitação for deferida pelo juiz responsável, o candidato passa a estar oficialmente habilitado a adoção, de forma que seu cadastro é inserido no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (Brasil, 2009). A partir desse momento o adotante entra em uma fila de espera. O tempo em que aguardará nessa fila varia de acordo com questões jurídicas e com o perfil de criança escolhido (Machado, Ferreira, e Seron, 2015; Santos, Fonsêca, Fonsêca, e Dias, 2011).

Dados de 2018 do Cadastro Nacional de Adoção apontam para um número de adotantes muito maior do que o número de crianças aptas para adoção; porém a maioria dessas não são mais bebês, muitas tem irmãos e/ou possuem alguma doença, de forma que são desconsideradas por muitos perfis selecionados pelos adotantes, que são em sua maioria compostos por crianças pequenas, sem questões relativas à saúde e sem irmãos (Cadastro Nacional da Adoção, 2018; Bennemann, 2007). Por esse motivo, muitas vezes a espera pelo filho adotivo se torna um processo longo e difícil, facilitando sentimento de medo, insegurança e ansiedade naqueles que aguardam (Costa e Campos, 2003).

A etapa seguinte envolve a busca de correspondência entre o perfil definido pelo adotante e a criança/adolescente. Assim que uma identificação acontece, dá-se início ao estágio de aproximação e convivência, monitorado pela equipe técnica da Justiça, onde criança e adotante podem interagir e se conhecer mais profundamente, construindo uma relação afetiva. Se bem sucedida a aproximação, a criança passa a morar na mesma residência que a família adotante, sendo ainda acompanhados e orientados de perto pela equipe técnica do Poder Judiciário. Após o prazo de 90 dias que é estipulado para esse período, a família adotante tem até 15 dias para propor ao juiz responsável a efetivação da adoção. Serão verificadas a partir desse momento as condições adaptativas e criação de vínculo socioafetivo entre a criança e a família, e se consideradas favoráveis é então liberada a sentença de adoção assim como um novo registro de nascimento, acrescentando o sobrenome familiar a criança, de forma que esta possui, a partir dali todos os direitos de um filho (Corregedoria Nacional de Justiça, 2019).

Durante o processo adotivo, é possível observar a gestação simbólica, assinalado como um período de gravidez psíquica, diz respeito à habilidade dos pais em sonhar, imaginar e pensar sobre suas respectivas relações de parentalidade adotiva (Gomes e Levy, 2016). Nesse período, surgem e são elaborados sonhos, medos e expectativas relacionadas a parentalidade e

a criação de vínculo parento-filial. Na adoção, pais e filhos se conhecem, criam intimidade e se transformam assumindo posições que favorecem a construção de um ambiente saudável e contribui para a criação de laços afetivos seguros e duradouros (Sampaio, Magalhães e Féres-Carneiro, 2018). Um dos fatores que acompanham a evolução do processo de adoção é o desafio da família em oferecer um ambiente capaz de atender as necessidades da criança na medida em que surgem, implicando no seu desenvolvimento. A presença afetiva, estado de atenção e respeito pelo tempo e espaço da criança implicam no desenvolvimento de confiança e construção de vínculo afetivo familiar (Verceze, Silva, Oliveira, e Sei, 2015). Para além dos aspectos relacionados a família adotante, é necessário que a criança também esteja disposta e adote a família. Levy e Bittencourt (2013) destacam ser de suma importância que a criança elabore o luto pela família biológica, assim como a idealização dela (Levy e Gomes, 2017). Faz-se importante também a função transicional enfatizada por Ozoux-Teffaine (2004), período esse em que as expectativas e idealizações de um filho imaginário aos poucos caem por terra, possibilitando uma aproximação afetiva com a criança real que a espera.

Sobre o vínculo afetivo familiar, é importante considerar a perspectiva defendida por Nery (2003), relacionada a relevância desse fator para o desenvolvimento da criança. A autora defende que o desenvolvimento de sua personalidade se dá a partir dos vínculos estabelecidos, dependendo de características das experiências emocionais para se assentar. O sujeito constrói sua narrativa de vínculo considerando as pessoas e elementos disponíveis em seu contexto de vida; dessa forma, como os primeiros contatos com o mundo costumam ser mediado pelos pais, a relação de parentalidade e filiação é o ponto de partida para que se estabeleçam outras relações e vínculos afetivos sejam consolidados (Nery, 2003). Essa ideia é reforçada quando Furlan e Souza afirmam que a criança se reconhece como sujeito a partir da relação com os pais ou cuidadores, de maneira que é essencial reconhecer os laços e a afetividade provenientes da convivência familiar como fatores fundamentais para desenvolvimento,

proteção e socialização das crianças e adolescentes (Furlan e Souza, 2014). A estrutura familiar molda o desenvolvimento psíquico, influenciando as capacidades cognitivas, linguísticas e afetivas dos processos de autonomia, socialização e construção de valores, para além do vínculo nas relações (Nery, 2003).

O vínculo afetivo se constitui segundo as necessidades da criança, sejam elas fisiológicas ou emocionais. É compreendido como um estado interno do sujeito, observável a partir de comportamentos de apego nas relações afetivas ou como um laço durável onde o outro é tido como um sujeito único insubstituível (Ramires e Schneider, 2010). Entende-se o vínculo afetivo como um laço relativamente duradouro estabelecido com outro indivíduo, incluindo a capacidade de buscar proximidade com determinada figura. Os comportamentos de apego são agentes que contribuem para o alcance e manutenção do vínculo afetivo através de marcadores como acariciar, abraçar, beijar, tocar e aconchegar (Bowlby, 1990).

Comportamentos de apego esses que se referem àqueles comportamentos observáveis e organizados nas relações, que atuam como mantenedores da proximidade com outro indivíduo, em função da proteção e segurança. Ressalta-se que os comportamentos de apego são instintivos e não herdados, além de se desenvolverem durante o ciclo de vida (Bowlby, 1989; Cassidy, 1999). Os comportamentos de apego se apresentam de forma ativa, como procurar pelo cuidador, forma aversiva, como o choro e até mesmo comportamentos que demonstram interesse pela interação como sorrir e verbalização (Ainsworth, 1989). O apego por sua vez, considerado por John Bowlby como um mecanismo básico dos seres humanos, sendo biologicamente programado como um sistema de controle homeostático. O apego tem função ligada ao senso de segurança ligado a uma figura de apego, de forma a fortalecer as relações (Cassidy, 1999). Os comportamentos de apego se diferem do apego em si, como é explicado em "comportamento de apego pode, em circunstâncias diferentes, ser mostrado a

uma variedade de indivíduos, um apego duradouro ou laço de apego é restrito a muito poucos" (Bowlby, 1989, p. 40).

Os seres humanos possuem uma demanda intrínseca de se apegar a determinadas coisas ou a outras pessoas como uma necessidade de sobrevivência. A função do vínculo afetivo instituído na relação com a criança é diretamente ligada à proteção e segurança para a sobrevivência e o desenvolvimento da mesma (Bowlby, 2001). Já a manutenção do vínculo afetivo é dada como fonte de segurança, sendo reflexo dos estados de vínculo afetivo de uma pessoa (Bowlby, 1982). O vínculo estabelecido com uma criança é instintivo, porém não instantâneo, em geral é construído a partir de uma relação de apego instituída entre pais, ou cuidadores com a criança (Brazelton, 1998; Klaus e Kennel, 1993). Essas são as chamadas figuras de apego, aqueles sujeitos que exercem papéis de cuidado na vida da criança. O comportamento de apego tende a se direcionar a essas figuras, de forma a estabelecer vínculo afetivo, que se modifica de acordo com o tempo e o desenvolvimento da criança (Berthoud, 1997). Ressalta-se que “o verdadeiro vínculo afetivo se desenvolve, garantido pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança, assim como pela consistência dos procedimentos de cuidado, pela sensibilidade e responsividade dos cuidadores”, dessa forma entende-se que as relações de vínculo afetivo construídas ainda na infância tem influência na forma de apego que o indivíduo manifesta ao longo da vida (Dalbem e Dell'Aglio, 2005, p.14).

Pode-se pensar sobre a definição de apego a luz da Teoria do Apego, citada anteriormente, que é determinada como um referencial teórico nas investigações das interações adulto-criança, sendo investigada em diferentes contextos sociais e culturais. Um dos pontos de partida para o desenvolvimento da Teoria do Apego é a observação do comportamento, destacando pontos específicos como o apego e o comportamento de apego, já citados acima (Ribas e Moura, 2004). Para Bowlby a sobrevivência da criança depende do cuidado fornecido por adultos que desempenham papéis de proteção e segurança, de forma que na Teoria do

Apego esse adulto, chamado cuidador primário recebe destaque especial, visto que o apego e vínculo afetivo é desenvolvido a partir da relação com essa figura. (Bowlby, 1984). Destacam-se as relações de apego estabelecidas na infância como um dos pontos principais a serem abordados pela Teoria do Apego (Mendes e Rocha, 2016).

A Teoria do Apego de Bowlby destaca como fundamental a ligação emocional entre a criança e aquele que desempenha o papel de cuidador, garantindo sua segurança e bem estar, trazendo o apego como uma base sólida para uma relação mútua e duradoura (Silva e Galenti, 2018). Dessa forma, ao se pensar sobre novos vínculos afetivos, é necessário considerar as relações primárias de vínculo e apego, que ocorrem nos primeiros anos de vida, e a forma com que essas relações foram ou não elaboradas (Medeiros, 2020).

Outro aspecto importante ao pensar sobre a construção de vínculo afetivo é relativo à distinção dos termos Maternidade e Maternagem e toda a significância que ambos carregam, visto que o responsável pelo processo de adoção assume essa posição em relação à criança. Com relação ao termo maternidade, entende-se que esta é ligada a questão fisiológica de gerar um bebê, enquanto que a maternagem por sua vez é vista como uma relação de amor e afeto para com a criança a partir do desenvolvimento de um vínculo afetivo. Sendo que em uma relação de parentalidade biológica ambas podem ocorrer ou pode haver relações em que a maternagem não se estabelece tão bem, o que afeta diretamente o vínculo afetivo da relação. Por outro lado, em relações de parentalidade na constituição de famílias adotivas, a maternagem se consolida independente da parentalidade biológica (Rayane e Souza, 2018).

Féres-Carneiro, Magalhães e Sampaio (2018) identificaram em sua pesquisa Pedras no Caminho da Adoção Tardia: Desafios para o Vínculo Parento-Filial na Percepção dos Pais fatores relacionados ao processo de maternagem e parentalidade. A equipe dos pesquisadores investigou o período de adaptação no processo de adoção, assim como a construção do vínculo parento-filial. Sendo realizado com 10 sujeitos, onde três pertenciam a famílias monoparentais,

três a homoparentais e quatro heteroparentais, todos em situação de guarda provisória ou com processo de adoção já concluído, recrutados através de contato com um grupo de apoio à adoção. Realizou-se uma entrevista semiestruturada direcionada a questões relacionadas experiências subjetivas proporcionadas pela adoção, como a parentalidade, motivações da adoção, vivências anteriores e rede de apoio. Dos temas que emergiram a partir da entrevista, destaca-se a influência que uma possível negligência ou abandono sofridos no passado possam ter no processo de adaptação a nova rotina familiar. Dessa forma, relacionado ao processo de adaptação à família adotante, destacam-se desafios como a determinação de regras, comportamentos agressivos, dificuldades escolares e segurança jurídica. Também foi percebido que os temores dos adotantes eram, em sua maioria, baseados nas suas crenças anteriores ao processo de adoção, além da importância da atenção ao histórico da criança e a bagagem emocional que a mesma carrega. Os adotantes salientaram para uma lacuna relacionada ao conhecimento e informações sobre o histórico de saúde da criança, como condições de parto, histórico de doenças e avanços de desenvolvimento. Por fim, as autoras sugerem pensar sobre projetos que forneçam informações sobre a história da saúde, além de refletir, reforçando sobre como conhecer o passado da criança auxilia a adaptação a nova família em relação as suas necessidades, além de que o respeito pela história pregressa é essencial para a construção e manutenção do vínculo.

Emmi Pikler levanta um olhar sobre as figuras de referência afetiva para as crianças, a autora deixou um legado associado a ética de cuidar de crianças. Em suas obras aborda que o relacionamento com pais ou cuidadores é permeado pela história, cultura e valores de cada um, além de trazer essas figuras como responsáveis por estabelecer uma base segura que permita o desenvolvimento da autonomia da criança. Os princípios norteadores de sua abordagem trazem as figuras adultas de referência emocional na vida das crianças como sustentadoras do desenvolvimento infantil, visto que o contato com essas figuras oferece o

sentimento de segurança e confiança para que a criança também se sinta confiante nos momentos em que essa figura não esteja por perto. Além disso, a autora ressalta a importância de uma rede de apoio nas relações de parentalidade, pois é essa rede que sustentará os cuidadores de forma que possam desempenhar de forma eficiente sua função. O respeito e liberdade são auxiliadores em uma relação com crianças, através deles é construído um ambiente de segurança e proteção (Domingos, 2016).

Método

Partindo das premissas discorridas acima, o estudo buscou compreender os fatores que contemplam a chegada de uma criança na dinâmica familiar e quais desses fatores estão ligados a formação do vínculo afetivo nesse contexto. Trata-se de um estudo qualitativo, de natureza exploratória, visto que visa aprofundar o conhecimento acerca da construção do vínculo afetivo parento-filial em famílias adotivas. Foi escolhida a pesquisa qualitativa, pois esta permite abordar os fenômenos a partir dos significados, motivos, crenças, valores e atitudes desenvolvidos pela parcela da população escolhida para participar do estudo permitindo ampla exploração das informações coletadas, considerando o foco nas relações, representações e na intencionalidade permitindo o alcance dos objetivos (Minayo, 1993).

O tema foi explorado através de entrevista semiestruturada, abordando aspectos relacionados a dinâmica e vínculo afetivo a partir da chegada da criança no contexto familiar. A entrevista foi composta por questões abertas relacionadas a 5 eixos de interesse para o estudo: 1) a motivação para a adoção; 2) a rede de apoio; 3) as experiências subjetivas sobre a construção de vínculo com a criança; 4) as vivências proporcionadas pela parentalidade; e 5) as ocorrências de fantasias e expectativas direcionada ao filho. A entrevista teve como principal propósito coletar dados com a maior riqueza de detalhes possível, de forma que fosse viável melhor compreender o fenômeno desejado, além de possibilitar uma análise detalhada

do mesmo (Féres- Carneiro, Magalhães, Dantas e Sampaio, 2019). A escolha pela entrevista semiestruturada veio a partir do fato desta ser uma das mais utilizadas técnicas de comunicação, partindo do interesse da pesquisa em direção as informações relativas ao tema pesquisado, fornecidas pelos participantes. O formato escolhido continha questões abertas que permitiam que novos tópicos surgissem espontaneamente do diálogo com os participantes, agregando conhecimento a pesquisa a partir de suas vivências. (Minayo, 2009).

Participantes

Para o desenvolvimento do proposto estudo, foram convidados quatro casais que imprescindivelmente tivessem passado pelo processo de adoção e formação de vínculo com a criança adotada, de forma que fosse possível enxergar por diferentes perspectivas o processo de construção de vínculo. Para a inclusão no estudo alguns dos critérios foram a residência no Distrito Federal, viabilizando os encontros, assim como o processo de adoção se encontrar, no período do estudo, em situação finalizada, visto que o estudo se propôs a investigar o fenômeno da construção de vínculo afetivo em um contexto com a inserção da criança no contexto familiar de forma que vínculo afetivo deveria estar devidamente estabelecido.

Instrumentos

Para coletar os dados através da técnica de investigação escolhida, a entrevista semiestruturada (Anexo 1), foram necessários instrumentos como um gravador de áudio em um aparelho celular afim de registrar, após autorização, as informações concedidas a partir do diálogo estabelecido através das questões da entrevista. Também foi necessária uma versão impressa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que apresentasse aos

convidados a participante os objetivos, riscos e as informações necessárias sobre a maneira que o estudo será conduzido.

Procedimentos

Na primeira etapa ocorreu o primeiro contato com uma instituição de apoio a famílias adotivas, o grupo Aconchego, de forma que o projeto foi apresentado e certos indivíduos foram convidados a serem participantes deste. Numa segunda etapa foi realizada a coleta de dados, através de 4 entrevistas semiestruturadas, realizadas em ambiente com controle acústico, iluminação e ventilação adequados, de forma a evitar interrupções advindas do ambiente, que atrapalhem a atividade em andamento, além de terem sido escolhidos o local, dia e horário de forma conveniente de acordo com as demandas de deslocamento dos participantes, podendo o encontro ter sido realizados tanto em nas próprias residências dos participantes, quanto outro ambiente controlado de fácil acesso. Os casais foram entrevistados juntamente, sendo expostos as mesmas perguntas, de forma que podiam acrescentar livremente detalhes ao relato um do outro, porém separadamente dos outros casais. Posteriormente, na terceira etapa, os dados coletados nas entrevistas foram submetidos a análise de dados.

Análise de dados

A estratégia adotada para analisar os dados coletados nas entrevistas com os participantes foi submetê-los à interpretação através da Análise de Conteúdo, método empírico que consiste em um “conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (Bardin, 2011, p.15). A Análise de Conteúdo tem como função o desvendar crítico, buscando identificações nas informações partilhadas pelos participantes a partir das relações entre as vivências e discursos (Bardin, 2011). Dessa forma, os dados foram analisados

afim de suscitar os principais aspectos que emergirem da entrevista relacionados a construção de vínculo afetivo, levantando os tópicos comuns e recorrentes trazidos pelos participantes que levam a ampliação da compreensão sobre o fenômeno.

A Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016) é uma técnica de análise do material produzido em uma pesquisa, com foco no conteúdo produzido através de determinada comunicação, levando em consideração tanto intra-relações, que relacionam conteúdos internos, no caso, discurso de determinado casal, quanto inter-relações, em que considera e compara discursos de diferentes participantes, no caso diferentes casais, acerca do mesmo tema principal. A técnica é composta por algumas etapas que proporcionam ao pesquisador uma visão dos dados coletados com enfoque nos objetivos da pesquisa visando identificar inter-relações entre os dados coletados a partir dos relatos dos participantes que cubram áreas temáticas similares, possibilitando dessa forma, refletir acerca dos significados, tendências, expectativas, motivações e percepções apresentadas nos dados, além de atribuir significado às comunicações, compreendendo além de interpretações superficiais, pois privilegia os dados e não as interpretações e inferências do pesquisador (Bardin, 2016).

A primeira etapa é denominada como pré análise e esta consiste na sistematização dos dados brutos buscando a seleção de material adequado para a análise. Após a sistematização é realizada a definição do corpus, que por sua vez pode ser definido como um conjunto de comunicações selecionadas para a análise, sendo selecionados aqueles considerados úteis para atingir os objetivos e responder à pergunta de pesquisa determinados no estudo. No caso em questão o corpus selecionado foi conjunto de entrevistas efetuadas com os casais participantes, pois suas respectivas experiências com a vinculação a partir da adoção relatadas será possível atingir o objetivo, assim como, responder à pergunta de pesquisa do estudo (Bardin, 2016)

Na análise de conteúdo de Bardin (2016) o corpus escolhido deve seguir algumas regras, como a de homogeneidade, que determina que o corpus deve possuir a mesma natureza

entre si, atendendo os critérios estipulados, ou seja, possuírem a mesma temática; a regra da exaustividade, em que devem ser excluídos justificadamente aqueles conteúdos que não apresentarem relevância significativa para o objetivo da pesquisa; a regra da homogeneidade que aponta que os critérios determinados para a definição do corpus devem ser precisos, claros e objetivos, além de serem aplicados os mesmos critérios para todos os participantes, propondo uma padronização na coleta e nos critérios de análise; a regra da pertinência, em que o corpus precisa estar diretamente relacionado aos temas correspondentes aos objetivos da pesquisa.

A frente da definição do corpus está a terceira etapa de análise, que corresponde à leitura flutuante, que tem como objetivo principal identificar pontos chave pertinentes que aparecem nas comunicações dos participantes. Logo em seguida, para uma melhor organização dos dados é feita a referenciação dos documentos que facilita uma melhor exploração do material (Bardin, 2016; Salvatierra, 2020).

A seguir parte-se então para a quinta etapa, a codificação, etapa essa, que é extremamente importante para a execução de uma boa análise, nela acontece a transformação dos dados brutos em dados representativos, de forma que as informações coletadas nas comunicações são recortadas em subunidades, as unidades de registro e as unidades de contexto. As unidades de registro, representadas por “UR”, são representativas para a categorização, podem aparecer dependendo do corpus selecionado, em forma de palavras ou frases por exemplo, dentro de um grupo maior. Já as unidades de contexto, ou “UC”, que representam esse grupo maior onde se encontram as unidades de registro, embasam e atribuem um significado às UR, são a dimensão maior que englobam as UR, como um parágrafo, um capítulo e até mesmo um livro, por exemplo.

Em seguida acontece a categorização, a base principal da análise de conteúdo, nela os dados dos discursos são agrupados em UR com elementos internos que se aproximam, são

semelhantes, de maneira que formam um grupo de UR similares entre si. Os critérios para a categorização também devem colaborar com os objetivos da pesquisa e as categorias são criadas a partir dos temas suscitados na leitura flutuante. Assim como nas outras etapas, a categorização também apresenta algumas regras, como a exclusão mútua, em que uma UR não pode aparecer em mais de uma categoria; a homogeneidade, em que as categorias criadas devem ser coerentes e correlacionadas entre si; a pertinência, que reforça que as categorias devem fazer sentido para analisar o objeto de pesquisa determinado; a exaustividade, que diz que todas as informações consideradas significativas para a análise não podem ser ignoradas e devem ser atribuídas a alguma das categorias; e por último a regra da objetividade e fidelidade, que defende que assim como o corpus e as UR e UC, as categorias também devem ser claras e objetivas, para que não haja dúvidas com relação as UR inseridas nela.

Em direção à conclusão da análise de conteúdo acontece a etapa chamada de inferências, nela o pesquisador passa a indagar os significados encontrados nas categorias desenvolvidas, produzindo conclusões lógicas que explicitem os aspectos não lógicos levantados. E por último ocorre a etapa de interpretação em que são discutidos os resultados encontrados levando em consideração as produções teóricas anteriores, e a partir disso a pergunta de pesquisa deve ser respondida, explicitando se os resultados encontrados nos dados explorados corroboram ou refutam as hipóteses levantadas, além de ser possível suscitar novas hipóteses e sugerir novas pesquisas com diferentes objetivos a depender das demandas identificadas na análise (Bardin, 2016).

Resultados e discussões

Participaram do estudo 8 indivíduos que compõe 4 casais. Para melhor identificação destes usaremos a letra C para representar a figura do casal e algarismos numéricos de 1 a 4 para a identificação de cada casal em específico, sendo o primeiro casal indicado como “C1”,

segundo casal como “C2”, terceiro como “C3” e quarto como “C4”. Diante dos discursos coletados dos participantes acerca de suas experiências relativas à vinculação afetiva com as crianças foi possível evidenciar algumas categorias contendo relatos convergentes entre si.

A primeira categoria, “Comportamentos das crianças durante a vinculação” reúne relatos acerca de comportamentos, falas e situações em que os participantes sugerem indicativos de vinculação afetiva. Nessa categoria foi possível observar momentos de dúvida ou uma requisição de autorização das crianças em relação a como se referir aos pais, algo que podemos interpretar como uma manifestação de vínculo bilateral, é manifestado por ambas as partes (Lemos, Gechele, e Andrade, 2017). Tanto as crianças quanto os pais contribuem para consolidação da relação, como podemos perceber através das seguintes falas:

“[...] uma criança falou seu pai pode me empurrar? E ela olhou para ele como quem pergunta, você é meu pai? [...]” (C1).

“[...] ela ainda chamava a gente de tio e tia, e perguntou pro J. se podia chamar de pai e mãe e a gente disse que sim, todos muito sem jeito, era tudo muito novo pra todos nós [...]” (C3).

“[...] elas perguntaram posso chamar de pai? E desde o primeiro dia chamaram de pai sempre [...]” (C4).

Ainda na primeira categoria, também foi possível observar que algumas crianças apresentaram certas expressões em suas falas e comportamentos que foram interpretados por seus pais como receio ou medo de uma possível situação de devolução, visto que segundo os pais, as crianças tem conhecimento de que ocorrem casos de devolução em adoções mal sucedidas. Por vezes foram relatadas certas falas em que as crianças pareciam testar os pais a respeito da possibilidade de devolução. Ainsworth (1989) deixa claro que durante a vinculação, esta pode se apresentar de formas diferentes, por vezes demonstrando interesse pela interação e por outras de maneiras aversivas, através de comportamentos como o choro, o medo da devolução e o falar sobre fugir de casa, por exemplo. Alguns desses comportamentos podem ser observado através dos seguintes trechos retirados dos discursos dos participantes:

“[...]ela não falava porque tinha medo de ser devolvida, fazer algo errado e ir embora [...] ela era perfeita, comia tudo, sentava na mesa, deixava o cabelo do jeito que eu arrumava, porque? Porque se não, eu vou embora [...]” (C1).

“[...] ela falava pra gente não vou te abandonar, então o medo do abandono era uma preocupação [...] e ela testava, e se eu não quiser mais ser filha de vocês? A gente dizia não tem mais jeito, é família pra sempre [...]” (C3).

“[...] a mais velha falou que ia embora pra casa da vó, até pra dizer que está brava e quer ir embora, iria pra casa da família extensa [...]” (C4).

Becker, Paulina, Ferreira e Bobato (2018) em sua pesquisa sobre o processo de vinculação afetiva na perspectiva dos pais, discorrem sobre como é necessário compreender o que de fato está por trás de cada comportamento da criança, ler nas estrelinhas do comportamento o que de fato a criança está manifestando, o que ela quer realmente dizer através de certas ações. Como pode-se observar nos exemplos citados acima, em diversos momentos a criança inserida em uma nova configuração familiar através da adoção apresenta determinados comportamentos e falas que a princípio testam os pais, geralmente em relação a uma certificação de que não serão devolvidas, como uma maneira de averiguar se realmente estão em um ambiente seguro. Esses comportamentos apresentados pelas crianças por muitas vezes são representantes significativos de um estabelecimento de vínculo afetivo saudável, assim como uma expressão de afeto, mesmo que por vezes incompreendida, para com o outro com quem a criança está se vinculando (Becker, Paulina, Ferreira e Bobato, 2018).

Tratando-se sobre o medo relacionado a uma devolução, o estudo ainda cita que há um fator cultural de extrema importância no processo de vinculação, visto que há uma aprendizagem cultural que difunde uma ideia de que sobre aquele que foi biologicamente gerado haveria então uma obrigatoriedade em relação ao amor, encarada de forma muito natural, enquanto que em uma adoção onde não há laços de sangue, a possibilidade e a aceitação social de uma rejeição é bem maior, já que nessa situação em específico, há uma decisão pessoal inserida no contexto, de forma que não há uma garantia acerca desse relacionamento, como hipoteticamente haveria em uma relação consanguínea. Nesse cenário

faz-se notável que a aceitação e o apoio de uma rede social, como a família extensa, influencia diretamente sobre a percepção de aceitação da criança perante as outras pessoas envolvidas nessa nova relação (Becker, Paulina, Ferreira e Bobato, 2018).

A categoria seguinte foi denominada como “Sentimentos dos pais”, esta por sua vez tem por propósito principal detalhar de que forma os pais se sentiam durante o processo de vinculação afetiva com as crianças e atualmente quais sentimentos tem sobre a experiência que vivenciaram. Foi composta por descrições dos próprios participantes com relação as suas emoções e sentimentos percebidos por eles a respeito tanto do processo de construção de vínculo afetivo, quanto suas percepções emocionais após este já se encontrar consolidado.

Alguns exemplos retirados dos discursos foram:

“[...] aquela música que diz avassalador, chega sem avisar... foi isso que eu senti, é um negócio que chega, não pede licença, avança e dane-se [...] eu amava enlouquecidamente, senti de todos os jeitos [...] nunca mais nada vai me deixar tão em carne viva, eu fiquei do avesso, é como se eu estivesse sem pele, muito vulnerável e tendo que ser forte [...]” (C1).

“[...] a vinculação foi uma invasão, foi bizarro, parece que me atropelaram, me engoliram, me sugaram [...] é demais, é uma invasão, te arregaça inteira, acho que maternidade é isso, é uma coisa invasiva, que te arrebenta [...] senti como se eu tivesse pego o exame positivo, pego o ultrassom e agora tivesse nascido” (C1).

“[...] graças a ela me tornei um ser humano melhor, isso até me emociona, a gente chega a limites de nós mesmos que a gente não conhece [...]” (C3).

“[...] nosso vínculo com ela, não foi umbilical, mas foi um encontro de almas, ele foi gestado junto com ela [...] o vínculo foi construído, não comecei a amar desde o primeiro dia, acho isso meio romantizado [...]” (C4).

Os sentimentos dos pais refletem a intensidade da experiência da vinculação, além de demonstrar o que Gomes e Levy (2016) propõe a respeito da gestação simbólica, como quando é dito “senti como se eu tivesse pego o exame positivo, pego o ultrassom e agora tivesse nascido” em que é observado a imaginação a respeito da parentalidade vivenciada no momento. O que foi mencionado acima, a respeito da frase “o vínculo foi construído, não comecei a amar desde o primeiro dia” vai de acordo com o que é sugerido por Levy, Diuana e Pinho (2009) sobre o reconhecimento como filho e pais nem sempre ocorrer de maneira imediata, mas como uma caminhada desenvolvida aos poucos.

Em seguida foi apresentada a categoria “Expectativas”, em que foram apontadas comunicações que revelam os desejos dos participantes em relação aos seus filhos, características que eles almejavam, desejavam, sonhavam e idealizavam sobre as crianças, pensamentos e imaginações sobre eles mesmos vivenciando uma posição de parentalidade, sobre as relações com as crianças e até mesmo sobre suas futuras novas configurações familiares, tudo isso mesmo antes de conhecer as crianças ou ter qualquer confirmação acerca do processo adotivo. A respeito das expectativas os participantes trouxeram:

“[...] imaginava que iam ser crianças como as da minha família, que sentam, desenham, pintam [...]” (C1).

“[...] eu pensava em que pai eu vou ser, porque eu não tinha nenhuma referência, então sempre imaginei que seria o pai que oferece liberdade [...]” (C2).

“[...] a gente acha que a criança vai ser grata porque a gente tirou e um lugar que não era legal, e não é isso, ela vem com toda a carga emocional dela [...]” (C4).

Os relatos sobre as expectativas acerca das crianças vão de encontro com o que é defendido por Sampaio, Magalhães e Féres-Carneiro (2018), quando afirmam que a elaboração e compreensão dessas expectativas, reconhecendo os papéis desempenhados por cada um na relação, assim como o período em que essas expectativas e idealizações caem por terra possibilitando entrar em contato com a criança real e não mais imaginária, contribuem para o desenvolvimento de um ambiente mais saudável que permita consolidação de laços afetivos seguros e duradouros. É importante também, salientar que quando se está constituindo uma família por adoção, ambas as partes envolvidas nesse relacionamento chegam até esse momento carregadas de experiências, além de sentimentos e expectativas passadas, aspectos esses que podem influenciar diretamente na forma como se constrói uma nova relação (Carnauba e Ferret, 2018).

Partiu-se então para a próximo grupo, este por sua vez, foi chamado de “Ferramentas que auxiliaram a vinculação”, categoria esta que foi constituída por formas de agir ou refletir que contribuem e favorecem a construção e sustentação da vinculação afetiva, no contexto em que foram analisados. Dentre essas ferramentas ou estratégias facilitadoras encontram-se hábitos e tradições familiares, ensinamentos e situações que facilitem a intimidade. Alguns dos exemplos fornecidos pelos participantes em suas comunicações incluem:

“[...] elas imitavam nenézinho, queriam mamar no meu peito [...] elas fizeram xixi na cama [...] entravam embaixo da minha camisola pra brincar de nascer da barriga [...]” (C1).

“[...] na terapia descobrimos que a gente é capaz de conversar [...] dei liberdade e ela começou a conversar mais comigo [...] ensinei ela a nadar, mergulhar, era uma forma de me aproximar [...] fizemos um livrinho com fotos dos parentes [...] saíamos em muitos programas juntas [...]” (C2)

“conversamos muito com ela [...] a gente criou o sanduíche de filha [...] falamos que nossa família é pra sempre [...] demos liberdade pra falar e questionar [...] fazia o aniversário da nossa família [...] tem a privacidade e intimidade muito respeitados [...]” (C3).

“[...] tivemos que entrar no mundo delas, se adaptar [...] comecei terapia pra entender essa nova configuração familiar [...] fizemos a certidão de nascimento com nossos sobrenomes [...] se sentirem seguras sem a possibilidade de serem devolvidas [...] muito diálogo, livres pra falar e trazer as memórias delas [...] mostramos respeito com o corpo delas [...] suporte pra elas passarem pelo luto familiar [...]” (C4).

Certos marcadores, geralmente os que fogem do comportamento ordinário, demonstram o real interesse sobre a vinculação, como o “brincar de nascer” e “imitar nenézinho”. Assim como marcadores, como o “abraçar”, “acariciar”, e o conhecimento do contexto contribuem para uma maior segurança de ambas as partes. Coisas como “um livrinho com fotos dos parentes” e o “sanduíche de filha” auxiliam a consolidação do vínculo de forma prática através das relações, como é defendido por Bowlby (2002). O conhecimento de si e do outro, através da liberdade e intimidade, contribui para um vínculo durador com laços afetivos mais seguros (Sampaio, Magalhães e Féres-Carneiro, 2018).

Além disso, alguns dos comportamentos adotados pelas crianças, como o brincar de nascer, passar tempo junto com a família e até querer simular o momento de amamentação, por exemplo, remetem a uma figura imaginativa de si mesmo quando recém-nascido. O que permite que a criança percorra, através da imaginação e das brincadeiras, novamente as fases de desenvolvimento pelas quais já passou, sendo uma ferramenta de extrema importância para uma vinculação concreta, visto que esse movimento permite que a criança elabore consigo mesma esse momento de um novo nascimento para uma nova configuração familiar (Alvarenga e Bittencourt, 2013).

A próxima categoria é aponta diretamente aos desafios encontrados durante o desenvolvimento do vínculo afetivo, os participantes relataram as dificuldades que encontraram e em algumas situações, quais estratégias utilizaram para vencer esses desafios, alguns exemplos disso estão descritos a seguir:

“[...] eu não tinha uma figura de filho, mas elas tinham alguém, e pra se vincularem a mim tiveram uma perda [...] a vinculação foi misturada com luto [...] me incomodava um pouco como elas lidavam com as outras pessoas [...]” (C1).

“[...] ela ameaçava que ia cortar a tela da janela do apartamento e fugir [...] ela tinha medo de punição e de ser rejeitada [...] foi desafiador tentar ressignificar as coisas [...] passamos vários constrangimentos na rua [...] aprender a conversar e dar voz pra ela foi o maior desafio [...]” (C2).

“[...] saber que ela vai enfrentar preconceito [...] ela batia na gente quando a gente se abraçava [...] escola disse que ela tinha tdah e isso me irritou muito [...]” (C3)

“[...] lidar com o outro foi difícil, tive que sair da minha bolha [...] no começo tive atritos com a mais velha, a gente não se entendia [...] o mais difícil foi lidar com o desconhecido [...] eu sou super sistemático e elas puseram tudo isso abaixo, lidar com isso foi difícil [...]” (C4).

Para todos envolvidos na relação ocorre uma mudança de configuração e estrutura familiar, assim como na maneira em que as pessoas se comportam. Dessa forma, se faz necessário compreender individualmente cada situação, desde um fato como “me incomodava um pouco como elas lidavam com as outras pessoas” até situações como preconceito, o luto e a compreensão do outro, como afirma Bowlby (2001). Além disso, uma estratégia

extremamente importante para a vinculação é a elaboração do luto e das idealizações dos pais e das crianças em respeito tanto ao passado quanto ao futuro dessa relação, de forma que se abram para novos vínculos Levy e Bittencourt (2013). Essa ideia é reforçada por expectativa quando afirmam que durante o processo de vinculação é interessante que haja intervenções que facilitem a elaboração do luto, visto que através dessa elaboração a criança pode melhor compreender tanto a destituição da família biológica quanto de uma família acolhedora ou ambiente de abrigo anterior, entendendo que os vínculos criados nesses ambientes ficarão para trás dando espaço para que seja possível um novo vínculo afetivo se estabelecer em um novo ambiente familiar.

Sobre alguns dos comportamentos apresentados pelas crianças, como manifestar um desejo de ir embora, tentativas de fugir de casa, apresentar atritos com os pais e até mesmo chegar ao ponto de bater, Alvarenga e Bittencourt (2013) salientam que principalmente quando se trata do período inicial onde a criança está se incorporando ao novo modelo familiar, existe concomitantemente certa desilusão, que é marcada por atitudes consideradas agressivas. Segundo as autoras, nesse período inicial as crianças precisam se desvincular de certos aspectos de sua vida anterior, principalmente renunciando às figuras de parentalidade anteriores, para finalmente vincular-se a nova família, porém, esse é um processo extremamente difícil e doloroso, em que torna-se necessário que os pais atuem compreendendo a vivência das crianças, de forma que sejam capazes de lidar positivamente com possíveis ataques de fúria, tensões, momentos de raiva, tristeza e até mesmo momentos de introspecção e silêncio por parte das crianças, proporcionando um ambiente seguro, principalmente através de um diálogo livre, dando voz para que a criança se expressar, no qual elas possam desenvolver e elaborar tudo aquilo que sentem, até que enfim consigam se abrir para uma nova vinculação (Alvarenga e Bittencourt, 2013).

Em seguida, reunindo conteúdos relacionados ao comboio social, está a categoria “Rede social e familiar”, onde se encontram os discursos referentes àquelas figuras que estiveram presentes na vida das famílias durante o período de vinculação e ofereceram de alguma forma, suporte e apoio para as demandas, expectativas e desafios relacionados a esse período, como podemos observar a seguir:

“[...] minha mãe não tem vínculo com as minhas filhas [...] com meus sogros, cunhados e amigos foi um grande abraço coletivo [...] fizeram amizade com os filhos dos amigos [...]” (C1).

“[...] meu pai foi a pessoa que mais acolheu ela [...] minha mãe sempre foi mais distante [...] com a família teve muita ajuda, muito auxílio, muito apoio [...] ela agora é chamada de caçulinha dos mais velhos do P[...] elas dizem que elas são irmãs pela irmã [...] (C2).

“[...] ela entendeu eu tenho uma família grande, não é só meu pai e minha mãe [...] os laços que ela criou através da escola foram muito importantes [...] não temos rede de apoio familiar aqui, então o lugar mais seguro é a escola [...]” (C3).

“[...] a gente não tem uma rede de apoio aqui em Brasília, sentimos falta [...] com os amigos foi aceitação total [...] elas foram muito bem aceitam na família extensa, nas duas partes, elas se sentiram acolhidas [...]” (C4).

Ter uma rede apoio, constituída por qualquer que seja a instituição social é de suma importância para a consolidação do vínculo afetivo, pois essa rede oferece suporte, assim como a escuta para os sentimentos que surgirem, o que ajuda a fortalecer ambos os lados da relação em questão, como afirmam Levy, Diuana e Pinho (2009), dessa forma faz sentido que aqueles participantes que não tinham uma rede de apoio durante a vinculação tenham sentido falta disso. A rede social e familiar presente durante a vinculação são fatores que contribuem para a adaptação dos pais com as crianças, assim como das crianças para com os pais, além de representarem uma figura de apoio e segurança perante à mudança no ambiente familiar decorrente da nova configuração (Oliveira, Magalhães e Pedroso, 2013).

Silva e Germano (2012) confirmam a ideia de que o vínculo acontece de maneira singular com cada pessoa, em cada relação, por isso podemos observar comunicações em que

as crianças se vincularam muito bem, como “foram muito bem aceitas [...] se sentiram acolhidas” e “foi um grande abraço coletivo” ao mesmo tempo em que aparecem relatos em que o vínculo não foi consolidado como se era esperado, como em “minha mãe não tem vínculo com as minhas filhas”. Além disso, comunicações como “ela entendeu eu tenho uma família grande, não é só meu pai e minha mãe” e “elas dizem que são irmãs pela irmã” vão de acordo com a ideia de Oliveira, Siqueira, Dell’Aglia, e Lopes (2008) de que o núcleo familiar é muito adaptável às mudanças em sua composição, se moldando a novos modos de se relacionar a partir delas.

Em seguida a categoria “Rotina” demonstra como se deu a inserção das crianças na rotina da família, quais as principais transformações e de que forma foram realizadas, alguns exemplos disto se encontram nos trechos a seguir:

“[...] precisei diminuir o ritmo de trabalho, levava elas no clube e depois na escola lá no gama, então meu descanso depois do almoço e meu globo esporte já era [...] tinha que dar banho, aprender a secar cabelo de menina com secador [...]” (C1).

“[...] na hora de dormir a gente ficava juntas, abraçadinhas [...] se dorme sozinha ou toma banho sozinha, são descobertas do dia a dia [...] na rotina do dia a dia eles estão construindo, eles vão à academia juntos [...]” (C2)

“[...] nós tentamos acompanhar o horário do abrigo [...] nossa rotina não mudou, a gente se deu a oportunidade de ter nosso momento casal, além do de pai e mãe e fortaleceu nossa relação [...]” (C3).

“ele ajudava muito no banho, ensinava como se limpar [...] foi uma revolução, ter que fazer comida todo dia [...] se adaptaram fácil à nossa rotina, a gente botava regras, horários [...]” (C4).

Observa-se que muitos dos recursos utilizados a favor da consolidação do vínculo afetivo estão presentes de diferentes formas no cotidiano, como ajustar o ritmo de trabalho, estabelecer regras, compartilhar ensinamentos e fazer coisas juntos, seja assistir a um filme ou ir em um passeio. Esses aspectos influenciam a criança a se adaptar a rotina da família, além de se inserir na cultura e valores deles através da socialização e o processo autônomo de

aprender a se comportar como de acordo com o novo ambiente em que se insere, como sugere Nery (2003).

Afim de identificar como os participantes enxergam a situação atual do vínculo, foi adicionada a categoria “Vínculo atualmente”, onde contam como está a relação da família hoje, como é demonstrado a seguir:

“[...] eu fui adotada por ela, ela me reconheceu como mãe e veio a confiança [...] hoje a gente aprendeu a conversar [...] hoje temos um diálogo aberto sobre tudo [...] e ela se sente pertencente ao grupo [...]” (C2)

“[...] nossa parentalidade e vínculo é pra vida inteira, sempre construindo [...] hoje ela se mostra poderosa e segura [...] até hoje quando acorda ela vai pra nossa cama fazer um sanduiche de filha [...]” (C3).

“[...] hoje são só questões de qualquer pré-adolescente [...] o vínculo foi tão bem formado que hoje elas se sentem à vontade de desafiar a gente, porque elas se sentem seguras [...]” (C4).

Infere-se a partir dos relatos dos participantes, que apesar de já consolidado, acreditam que a vinculação é um processo constante, como dito em “vínculo é pra vida inteira, sempre construindo”, ideia essa defendida por Brazelton (1998), Klaus e Kennel (1993), que afirmavam que o vínculo é instintivo, mas não instantâneo. Porém, há marcos importantes que confirmam a hipótese de que o vínculo foi estabelecido com sucesso, como o que Levy e Bittencourt (2013) afirmam, sobre a criança também estar disposta a adotar a família, o que vemos acontecer em “ela me reconheceu como mãe”, assim como a segurança e confiança da criança depositada sobre o núcleo familiar, como vemos em “o vínculo foi tão bem formado que hoje elas se sentem à vontade de desafiar a gente, porque elas se sentem seguras”. O vínculo afetivo como uma construção contínua e eterna também é defendido por Alvarenga e Bittencourt (2013). A ideia levantada por um dos participantes no trecho “nossa parentalidade e vínculo é pra vida inteira, sempre construindo”, é reforçada pelas autoras, que citam que a construção da parentalidade em si é um processo contínuo, cercado por múltiplos aspectos, que incluem desde as motivações e fantasias, até medos e desafios como pudemos observar nas categorias acima.

Para além, as autoras afirmam que a filiação acontece quando a criança se apropria e se sente pertencente da história e do ambiente familiar, não se encontrando mais em um status de “estrangeiro” em casa. Além disso, reforçam a ideia de que a criança necessariamente precisa ter vivenciado um processo de luto e desvinculação da família de origem, ou de famílias acolhedoras e abrigos anteriores para conseguir propriamente se abrir para um processo de vinculação afetiva com a nova família, se sentindo parte da nova configuração familiar (Alvarenga e Bittencourt, 2013).

Por último, em diversos momentos foram levantadas questões a respeito do passado das crianças, seja com os genitores, em lares de famílias acolhedores ou em relação ao próprio abrigo. A categoria “Passado das crianças” aponta alguns aspectos em comum nas comunicações dos participantes, por vezes narrados pelas crianças a respeito desse passado, por exemplo:

“[...] ela lembrava do dia que a polícia levou elas [...] a J. durante anos guardava moedas pra comprar uma casa pra genitora [...] explicava que nasceram de uma barriga bem boa porque a minha nem cabia elas [...] que ela ficou doente e não conseguia cuidar [...]” (C1).

“ela perguntava muito sobre a família biológica e eu explicava que uma mãe da barriga teve mais filhos do que podia cuidar [...] a gente preservou o núcleo das primas e tratou elas como irmãs [...]” (C2).

“[...] ela perguntou como será a mulher que eu fiquei na barriga? [...] no primeiro ano ela quis ir ao abrigo e fomos [...]” (C3)

“a mais velha teve saudade do genitor, veio conversar e a gente acolheu [...] no primeiro mês pediram pra visitar o abrigo [...]” (C4).

As comunicações acerca do passado das crianças colaboram com os estudos de Sampaio, Magalhães e Féres-Carneiro (2018), onde apontam que as crianças carregam bagagem psíquica adquiridas em suas vivências. Bagagens essas que devem ser respeitadas e compreendidas de forma que possibilite a criança a ressignificar certos aspectos em suas relações, como quando perguntam sobre seus genitores ou compartilham fatos passados de suas histórias de vida.

Além disso, em vários momentos essa ressignificação pode ser realizada com auxílio da família, como quando os pais acolhem essas histórias, sem julgamentos e auxiliam a criança a compreender o que de fato aconteceu, como quando dizem “explicava que nasceram de uma barriga bem boa [...] mas ela não sabia se cuidar”. Destaca-se aqui a importância da elaboração dos sentimentos em relação ao passado, a família biológica e as idealizações dela, de forma a estabelecer segurança para se vincular em novas relações (Levy e Gomes, 2017).

Outro ponto relevante acerca do passado da criança é a proposta de que o conhecimento da mesma sobre as informações relevantes acerca de seu passado, sua origem e história de vida corrobora para o desenvolvimento de um vínculo afetivo concreto com a família adotante. O contrário também pode acontecer, já que manter informações sobre o passado da criança em segredo afeta diretamente a possibilidade de que a mesma acesse sua história afim de construir sua autoimagem, o que traz dificuldades também para a construção do vínculo afetivo com a família adotante, não criando um ambiente de confiança e segurança para a criança. É possível observar que muitos adotados, como consequência dos segredos e dúvidas sobre sua origem e seu passado acabam por ter certa dificuldade em suas relações interpessoais, principalmente quando se trata da comunicação (Costa e Campos, 2003).

Considerações finais

Ao longo desse estudo, foi possível compreender as diversas perspectivas dos participantes a respeito de suas experiências com a construção do vínculo afetivo no contexto de famílias adotivas. Sendo que foi significativo abranger tanto as experiências positivas e facilitadoras desse processo quanto as reais necessidades e dificuldades que existiram nas situações vivenciadas durante a vinculação, afim de melhor compreender o contexto geral e não somente recortes desses relatos.

O estudo cumpriu adequadamente com o seu objetivo definido a priori, sendo possível através dos dados coletados nas entrevistas com os participantes, analisar os impactos da chegada de uma criança adotada sobre o desenvolvimento do vínculo afetivo, como havia sido proposto a priori. Havia se levantado a hipótese de que o vínculo afetivo no contexto de famílias adotivas se dá através de aspectos que promovem a proximidade e confiança desenvolvidos perante os pais ou cuidadores, podemos afirmar que esta hipótese foi confirmada, visto que há correspondências a respeito desses fatores em diversas comunicações apresentadas nos discursos dos quatro casais participantes.

As informações analisadas são coerentes entre si quando afirmam a necessidade e importância da proximidade ou intimidade, assim como a segurança e confiança, desenvolvidas através do diálogo, compreensão, liberdade de expressão, suporte e respeito em geral. A análise de conteúdo das comunicações dos participantes demonstrou sobretudo a importância do diálogo, que quando bem trabalhado, abre portas e auxilia todos os demais recursos utilizados na vinculação, pois permite desenvolver intimidade e construir uma relação mais consolidada. Apesar disso, destaca-se aqui que as reflexões elaboradas no estudo não podem ser consideradas inéditas, porém corroboram com os demais estudos anteriores da área, contribuindo positivamente com mais olhares sobre o aspecto do vínculo afetivo no contexto de famílias adotivas.

Como sugestões a futuros estudos na área fica a proposta de observar esse fenômeno por outras perspectivas, comparando os relatos entre participantes pertencentes da mesma família, indo além da percepção do casal e focando na percepção individual de cada um, visando melhor compreender as diferentes dinâmicas em um mesmo contexto. Outra sugestão interessante seria investigar o fenômeno do vínculo afetivo em família que adotaram duplas ou trios de irmãos, levantando uma hipótese de que a adoção de irmãos pode vir a ser um aspecto facilitador para a vinculação afetiva, oferecendo maior segurança e confiança às crianças.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. (1989). Attachments Beyond the Infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709-716.
- Alvarenga, L. L. e Bittencourt, M. I. G. F. (2013). A delicada construção de um vínculo de filiação: o papel do psicólogo em processos de adoção. *Pensando famílias*, 17(1), 41-53.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, Almedina Brasil.
- Bardin, L. (2016) *Análise de Conteúdo*. São Paulo: edições 70
- Bento, R. (2008). Família Substituta: Uma Proposta de Intervenção Clínica na Adoção Tardia. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10 (2), 202-214.
- Brasil. (2009). Nova lei da adoção. Lei nº 12.012, de 03 de agosto de 2009. Retirado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm
- Bowlby, J. (1984). *Apego e Perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1989). *Uma Base Segura: Aplicações Clínicas da Teoria do Apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e Perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2001). *Formação e Rompimentos dos Laços Afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2002). *Apego: A Natureza do Vínculo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2006). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes. Cassidy, J. (1999). The Nature Of Child's Ties. Em Cassidy, J.; Shaver, P. (Eds.) *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications*. New York: The Guilford Press.
- Carnauba, G. S. e Ferret, J. C. F. (2018). Devolução de Crianças Adotadas: Consequências Psicológicas Causadas na Criança que é Devolvida Durante o Estágio de Convivência. *Revista Uningá*, 55 (3), 119 – 129.

- Conselho Nacional do Ministério Público [CNMP]. (2013). Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no país. Relatório da resolução 71/2011. Retirado de <http://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Destaques/Publicacoes>
- Costa, L. F. e Campos, N. M. V. (2003). A avaliação psicossocial no contexto da adoção: vivências das famílias adotantes. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 19(3).
- Dalbem, J. X. e Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: Bases Conceituais e Desenvolvimento dos Modelos Internos de Funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57 (1), 12-24.
- Domingos, L. (2016). Pikler: Conheça a abordagem educativa baseada no vínculo afetivo. Retirado de: <https://lunetas.com.br/para-lidar-com-criancas-e-preciso-observa-las-diz-psicologa/#menu>. Acesso em: 06/07/2022.
- Dugnani, K. C. B. (2009). Análise da Adaptação Familiar e Estratégias Estabelecidas para Construção de Vínculos Afetivos na Adoção Tardia (Dissertação de Pós-Graduação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo.
- Féres-Carneiro, T.; Magalhães, A. S.; Sampaio, D. S. (2018). Pedras no Caminho da Adoção Tardia: Desafios para o Vínculo Parento-Filial na Percepção dos Pais. *Temas em Psicologia*, 26(1), 311-324.
- Furlan, V.; Souza, T. R. P. (2014). Família, Acolhimento Institucional e Políticas Públicas: Um Estudo de Caso *Psicologia Política* 14(31), 499-516.
- Levinzon, G. K. (2018). Adoção e falso self: O dilema do “bom adotado”. In G. K. Levinzon, e Lisondo, A. D. *Adoção: Desafios da contemporaneidade*, 49-70. São Paulo: Blucher.
- Levy, L.; Bittencourt, M. I. G. D. F. (2013). A delicada construção de um vínculo de filiação: O papel do psicólogo em processos de adoção. *Pensando famílias*, 17(1), 41-53.
- Levy, L.; Gomes, I. C. (2017). Grupos de Preparação à Adoção: Dos Pretendentes às Crianças. In Féres-Carneiro, T. *Casal e família: Teoria, Pesquisa e Clínica*, 157-174. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- Martins, M.; Sarmiento, T.; Alves, S. (2019). Família: ontem como hoje, permanente educadora. *Gestão E Desenvolvimento*, 1 (27), 211-228.

- Medeiros, T. K. R. (2020). O vínculo Afetivo no Abrigamento de Crianças. *Pretexto – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 5 (9), 541-561.
- Minayo, M. (2009). Trabalho de Campo: Contexto de Observação, Interação e Descoberta. In: Minayo, S.; Deslandes, S. F.; Gomes, R. *Pesquisa Social - Teoria, Método e Criatividade* (28ª ed., pp. 61-77). Editora Vozes.
- Nery, M. P. (2003) *Vínculo e Afetividade: Caminhos das Reflexões Humanas*. São Paulo: Ágora.
- Oliveira, M. L. S., Magalhães, C. M. C., e Pedroso, J. S. (2013). Família adotante: estudo de caso de adoção tardia. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 5 (9), 22-36.
- Oliveira, D.; Siqueira, A. C.; Dell’Aglío, D. D.; Lopes, R. C. S. (2008). Impacto das Configurações Familiares no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes: Uma Revisão da Produção Científica. *Interação em Psicologia*, 12(1), 87-98.
- Passos, J. R.; Silva, I. M. (2017) *Perspectivas de Profissionais Sobre Acolhimento de Crianças e Adolescentes e Reintegração Familiar*. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 59, 70-71.
- Paulina, E., Ferreira, L., Bobato, S. T. e Becker, A. P. S. (2018). Processo de vinculação afetiva de crianças adotadas na perspectiva dos pais adotantes. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 38(94), 77-86.
- Pereira, R. C. (2006). *Família e Dignidade Humana*. Rio de Janeiro: IBDFAM
- Ramires, V. R. R.; Schneider, M. S. (2010). Revisitando Alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento Versus Representação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 25-33.
- Rayane, D. B.; Souza, D. H. A. V. (2018). Privação Afetiva e Suas Consequências na Primeira Infância: Um Estudo de Caso. *Revista Interscientia*, 6 (2), 90-111.
- Reppold, C. T.; Hutz, C. S. (2002). Adoção: Fatores de Risco e Proteção a Adaptação Psicológica. In: Hutz, C. S. (Org.). *Situações de Risco e Vulnerabilidade na Infância e na Adolescência: Aspectos Teóricos e Estratégias de Intervenção* (pp. 89-130). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Ribas, A. F. P.; Moura, M. L. S. (2004). Responsividade Materna e Teoria do Apego: Uma Discussão Crítica do Papel de Estudos Transculturais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 315-322.
- Saraceno, C. (1997). *Sociologia da família*. Lisboa: Editorial Estampa
- Sociologia da família. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.SIERRA, Vânia Morales. *Família: Teorias e debates*. São Paulo: Saraiva, 2011.
- Silva, C. P.; Galenti, M. P. R. (2018). *Apego Positivo em Crianças em Situação de Acolhimento: Perspectiva a Partir do Vínculo Afetivo com os Cuidados (Monografia)*. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo.
- Sonego, J. C.; Lopes, R. C. S. (2009). A Experiência da Maternidade em Mães Adotivas. *Aletheia: Revista de Psicologia* (29), 16-26.
- Vicente, J. C. (2006). *Adoção*. Retirado de <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2918/Adocao>
- Verceze, F. A.; Silva, J. M.; de Oliveira, K. M.; Sei, M. B. (2015). Adoção e a Psicoterapia Familiar: Uma compreensão Winnicottiana. *Revista da SPAGESP*, 16 (1), 92-106.

Apêndices

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

“Uma família como a minha: um olhar sobre a construção de vínculo afetivo na perspectiva de famílias adotivas”

Instituição dos/(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)

Pesquisador(a) responsável: Izabella Rodrigues Melo

Pesquisador(a) assistente: Júlia Nacfur Peçanha

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é investigar os impactos da chegada de uma criança adotada sobre o desenvolvimento de vínculo afetivo com a família adotante. Serão abordados determinados temas através da literatura científica, sobretudo às questões relacionadas ao vínculo afetivo. Mapearemos como ocorre a construção e consolidação dele.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ter experiência com o processo de adoção e formação de vínculo afetivo com uma criança, de forma a contribuir com informações e vivências relacionadas a esse momento que produzam conhecimentos relevantes e originais acerca do assunto.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em conceder uma entrevista semiestruturada acerca de sua experiência relacionada ao tema.
- O procedimento é uma entrevista com o registro das respostas escritas e gravadas em áudio e/ou vídeo.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada em local conveniente aos participantes.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos mínimos, tais como leve alterações no quadro emocional relacionada aos conteúdos das narrativas explicitadas.
- Sua participação nessa pesquisa implica no compartilhamento de suas vivências acerca do processo de adoção vivenciado, afim de contribuir para maior conhecimento acerca do desenvolvimento de vínculo afetivo com a criança. Dessa forma, caso haja mobilização afetiva relacionada ao conteúdo acessado há a possibilidade de atendimento psicológico com a pesquisadora assistente no CENFOR (Centro de Atendimento à Comunidade do UniCEUB).
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir para maior conhecimento sobre a construção de vínculo afetivo no contexto de famílias adotivas.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados como o registro das respostas e gravações de áudio da entrevista ficarão guardados sob a responsabilidade de Júlia Nacfur Peçanha, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____, RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, _____ de _____ de _____.

Participante

Izabella Rodrigues Melo, celular /telefone institucional

Júlia Nacfur Peçanha, (61)98195-1405, julia.nacfur@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)

Endereço: SEPN, 707/907, Via W 5 Norte

Bairro: /CEP/Cidade: Asa Norte, Brasília, DF, 70790-075

Telefones p/contato:

Endereço do(a) participante (a)

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Apêndice B – Roteiro de entrevista semiestruturada

- 1 - Quais as principais motivações para buscar a adoção?
- 2 - Quais eram as expectativas direcionadas a criança?
- 3 - Os adotantes tiveram acesso a informações sobre o passado da criança? Como histórico médico e escolar.
- 4 - Existiu uma rede de apoio no processo de adoção e início de convivência?
- 5 - Como aconteceu a adaptação a nova família, cultura e hábitos?
- 6 - Como a criança foi inserida na rotina da casa?
- 7 - Quais estratégias foram usadas para a criança compreender que faz parte da família?
- 8 - Se já tinham filhos, como foi para eles a chegada de um novo membro na família?
- 9 - Como é a relação com as outras crianças da família?
- 10 - Como são tratadas as questões relacionadas ao passado da criança?
- 11 - Na sua experiência, quais foram as principais dificuldades no processo de formação de vínculo com a criança?

Anexos

Anexo A

Codificação das entrevistas com os casais

Casal 1 (C1)		
Categoria	Unidade de Registro (UR)	Unidade de Contexto (UC)
Comportamentos das crianças durante a vinculação	[...] você é meu pai?"	"Uma criança falou seu pai pode me empurrar? E ela olhou para ele como quem pergunta, você é meu pai? "
	[...] não falava porque tinha medo de ser devolvida [...]	"ela estava com calor, mas ela não falava porque tinha medo de ser devolvida , fazer algo errado e ir embora"
	[...] era perfeita [...] porque se não, eu vou embora"	"ela era perfeita , comia tudo, sentava na mesa, deixava o cabelo do jeito que eu arrumava, porque? Porque se não, eu vou embora "
	[...] ela testava, será que você me aguenta? [...]	"ela testava, será que você me aguenta? E tocava o terror, era o jeito dela nos testar.

	<p>[...] ela observava e imitava meus trejeitos”</p> <p>“elas tinham medo do básico [...]</p> <p>“elas contavam os sonhos [...]</p>	<p>“Ela não falava os plurais quando chegou, mas adequou muito rápido a fala, ela observava e imitava meus trejeitos”</p> <p>“elas tinham medo do básico, de não ter banheiro, não ter comida, e isso durou anos”</p> <p>“elas contavam os sonhos, que todo mundo entrou numa van e abandonou elas na calçada”</p>
Sentimentos dos pais	<p>“a gente não estava pronto para aquilo [...]</p> <p>[...] senti como se eu tivesse pego o positivo [...]</p> <p>[...] é um negócio que chega, não pede licença, avança e dane-se”</p> <p>[...] senti de todos os jeitos [...]</p> <p>[...] tão em carne viva [...] era como se eu estivesse sem pele, muito vulnerável [...]</p> <p>[...] quero sentir e vivenciar isso de uma forma visceral”</p> <p>“acho que o vínculo para o homem é mais tranquilo [...]</p> <p>“A vinculação foi uma invasão [...]</p> <p>[...] acho que maternidade é isso, é uma coisa invasiva, que te arrebenta”</p>	<p>“a gente não estava pronto para aquilo mas elas estavam, estavam buscando por aquilo”</p> <p>quando o juiz nos deu a guarda senti como se eu tivesse pego o positivo, do Sabin, pego o ultrassom e agora tivesse nascido</p> <p>“escolhi aquela música que diz avassalador, chega sem avisar... foi isso que eu senti, é um negócio que chega, não pede licença, avança e dane-se”</p> <p>“Eu amava enlouquecidamente, senti de todos os jeitos, tive anemia, essa autorização foi um alívio”</p> <p>“nunca mais nada vai me deixar tão em carne viva, eu fiquei do avesso, é como se eu estivesse sem pele, muito vulnerável e tendo que ser forte”</p> <p>“não quero ver foto, eu quero conhecer elas lá, ter o primeiro impacto, quero sentir e vivenciar isso de uma forma visceral”</p> <p>“acho que o vínculo para o homem é mais tranquilo, porque o filho sempre é entregue para o pai e você adota esse filho, mesmo biológico”</p> <p>“A vinculação foi uma invasão, foi bizarro, parece que me atropelaram, me engoliram, me sugaram, se tiver algo mais intenso que isso, eu não quero”</p> <p>“É demais, é uma invasão, te arregaça inteira, acho que maternidade é isso, é uma coisa invasiva, que te arrebenta”</p>

Expectativas	“imaginava que iam ser crianças como as da minha família [...]	“ imaginava que iam ser crianças como as da minha família , que sentam, desenham, pintam”
Ferramentas que auxiliaram a vinculação	<p>“imitavam nenézinho [...] queriam mamar no meu peito [...]</p> <p>“começaram a chorar igual nenézinho [...]</p> <p>“elas fizeram xixi na cama [...]</p> <p>“eu explicava [...]</p> <p>“sempre explicava [...]</p> <p>“entravam embaixo da minha camisola e da camiseta dele pra nascer [...]</p> <p>“brincar de nascer todos os dias, elas nasciam da barriga [...]</p> <p>“o cuidado do dia a dia é que foi a criação do vínculo [...]</p> <p>“nosso vínculo se criou no dia a dia [...]</p> <p>“lidava com o preconceito de forma natural e tranquila pra que elas se sentissem seguras [...]</p> <p>[...] se for por isso eu levo e busco todo dia [...]</p>	<p>“imitavam nenézinho, mentiram dizendo que tomavam mamadeira, elas queriam mamar no meu peito e no dele também”</p> <p>“começaram a chorar igual nenézinho bem pequenininho, voz de neném e fazendo gestos como se fossem nenézinhas”</p> <p>“elas fizeram xixi na cama, algo que escutamos que era comum na vinculação”</p> <p>“eu explicava, vocês nasceram da barriga de alguém, inclusive uma barriga bem boa porque a minha nem cabia vocês”</p> <p>“sempre explicava que ela foi morar na rua porque não sabia se cuidar, trabalhar e ninguém pode morar na rua, por isso veio o carro e buscou vocês”</p> <p>“entravam embaixo da minha camisola e da camiseta dele pra nascer, a gente brincava, fazia a gestação e aí elas nasciam”</p> <p>“nos dois primeiros anos tinha que brincar de nascer todos os dias, elas nasciam da barriga”</p> <p>“o cuidado do dia a dia é que foi a criação do vínculo, o olhar, a demanda do carinho, da comida, necessidades”</p> <p>“nosso vínculo se criou no dia a dia, no olho no olho, no cuidado, na percepção”</p> <p>“lidava com o preconceito de forma natural e tranquila pra que elas se sentissem seguras, saber lidar favoreceu o vínculo”</p> <p>“abandono escolar não pode acontecer, mas se for por isso eu levo e busco todo dia na escola no gama”</p>

Desafios	<p>[...] nos primeiros anos ela não deixou encostar no corpo dela pelada”</p> <p>“eu não tinha uma figura de filho, mas elas tinham alguém [...]</p> <p>“a vinculação foi misturada com luto [...]</p> <p>[...] elas eram meio difíceis”</p> <p>“ela cuspiu no rosto de um grande amigo meu e isso me deixou chateado [...]</p>	<p>“ela era carinhosa, mas mexer no corpo dela, pentear o cabelo ou dar banho não podia, nos primeiros anos ela não deixou encostar no corpo dela pelada”</p> <p>“eu não tinha uma figura de filho, mas elas tinham alguém, a genitora, e pra se vincularem a mim tiveram antes um processo de sofrimento, de perda”</p> <p>“a vinculação foi misturada com luto, elas tiveram pneumonia, a J. não levantava da cama, não falava, eu dava comida na seringa”</p> <p>“me incomodava um pouco como elas lidavam com as outras pessoas, elas eram meio difíceis”</p> <p>“ela cuspiu no rosto de um grande amigo meu e isso me deixou chateado... mas tudo bem, ele é adulto, ele que lide com isso”</p>
Rede social e familiar	<p>“minha mãe não tem vínculo com as minhas filhas [...]</p> <p>[...] foi um grande abraço coletivo [...]</p> <p>“fizeram amizade com os filhos dos amigos [...]</p> <p>“os primos mais novos amam [...]</p>	<p>“minha mãe não tem vínculo com as minhas filhas, elas tem mais vínculo com a minha mãe do que a minha mãe com elas”</p> <p>“com meus sogros, cunhados e amigos foi um grande abraço coletivo, de poder contar mesmo.</p> <p>“fizeram amizade com os filhos dos amigos, tranquilo, as crianças sempre gostavam delas”</p> <p>“os primos mais novos amam, elas eram meio ídolos, porque eram gêmeas, diferente eram duas”</p>
Rotina	<p>“levava elas no clube de manhã, depois na escola [...]</p> <p>“tinha que dar banho, aprender a secar cabelo de menina com secador [...]</p>	<p>“precisei diminuir o ritmo de trabalho, levava elas no clube de manhã, depois na escola lá no gama, então meu descanso depois do almoço e meu globo esporte já era”</p> <p>“tinha que dar banho, aprender a secar cabelo de menina com secador, enquanto eu secava uma, a outra correndo pelada pela casa, era eu e elas”</p>

Passado da criança	[...] elas sabem que a polícia levou elas”	“ela desenhou um carro de polícia e o abrigo, ela lembrava desse dia, elas sabem que a polícia levou elas ”
	[...] perguntavam muito, e eles? [...]	“no natal elas perguntavam muito, e eles? Elas viam muita fartura e muita comida”
	[...] guardava moedas pra comprar uma casa pra genitora [...]	“a J. durante anos guardava moedas pra comprar uma casa pra genitora , porque a casa dela não tinha parede ou era parede de jornal”

Tabela 1. Categorização dos dados do casal 1.

Casal 2 (C2)		
Categoria	Unidade de Registro (UR)	Unidade de Contexto (UC)
Comportamentos das crianças durante a vinculação	[...] ela falava não vou dormir com você [...]	“quando fazia birra ela falava não vou dormir com você , porque ela sabia que isso cortava meu coração”
	[...] vou vender fruta no sinal pra voltar pra Minas [...]	“ela falava você não é a minha mãe, eu vou vender fruta no sinal pra voltar pra Minas , não vou ficar aqui”
	“não tinha um dia que ela não ia dormir chorando [...]	“ não tinha um dia que ela não ia dormir chorando , fazendo birra, era confusão todo dia”
	“ela queria fugir de casa [...]	“ ela queria fugir de casa e falavam que é assim mesmo, era um sinal de que o vínculo ia acontecer”
Sentimentos dos pais	“é meio desanimador [...]	“ é meio desanimador , você tá cheio de vontade de dar amor é a criança vai te rejeitar”
	“eu pensava minha vida tava mega tranquila, o que que eu fui fazer? [...]	“ eu pensava minha vida tava mega tranquila, o que que eu fui fazer? Aí acontece de gente devolver criança, porque é confusão todo dia”
	[...] ela tem uma confiança em mim”	“se ela confia em mim até pra falar dos “crushs”, sinal de que ela tem uma confiança em mim ”
	[...] a gente chega a limites de nós mesmos que a gente não conhece”	“graças a ela me tornei um ser humano melhor, isso até me emociona, a gente chega a limites de nós mesmos que a gente não conhece ”
Expectativas	[...] imaginei que seria o pai que oferece liberdade”	“eu pensava em que pai eu vou ser, porque eu não tinha nenhuma referência, então sempre imaginei que seria o pai que oferece liberdade ”

<p>Ferramentas que auxiliaram a vinculação</p>	<p>[...] eu tentava fazer tudo pra mostrar olha, estou aqui”</p> <p>[...] evitei criar confusão [...]</p> <p>“sou aberto pra falar, conversar, estou pronto pra ajudar [...]</p> <p>[...] entender e amar o outro [...]</p> <p>“na terapia descobrimos que a gente é capaz de conversar [...]</p> <p>“o curso de adoção ajudou muito [...]</p> <p>[...] dei liberdade e ela começou a conversar, falar mais comigo”</p> <p>[...] eu espero a ação dela, eu fico na reação [...]</p> <p>“ajuda profissional nesse processo é vital [...]</p> <p>[...] era uma forma de me aproximar, ensinei ela a nadar, mergulhar”</p> <p>[...] a gente vai construindo aos poucos”</p> <p>“fizemos um livrinho com fotos dos parentes”</p> <p>“sair em muitos programas juntas [...]eu percebia que ela gostava”</p> <p>“tem que criar a capacidade de se colocar no lugar do outro [...]</p>	<p>“eu tentava compensar uma série de lacunas, eu tentava fazer tudo pra mostrar olha, estou aqui”</p> <p>“muitas vezes eu evitei criar confusão em situações de preconceito pra não gerar constrangimento pra ela”</p> <p>“sou aberto pra falar, conversar, estou pronto pra ajudar o tempo inteiro, isso ajudou a me ligar com ela.</p> <p>“entendi que o processo de adotar é entender e amar o outro, e ela também entendeu isso”</p> <p>“na terapia descobrimos que a gente é capaz de conversar, ela me entendendo eu entendendo o lado dela de aprender a confiar, e essa confiança demorou pra acontecer”</p> <p>“o curso de adoção ajudou muito, porque eles antecipam tudo aquilo que vai acontecer, então a gente sabe o que é previsível”</p> <p>“ela tinha resistência com a figura masculina, eu ciente disso, dei liberdade e ela começou a conversar, falar mais comigo”</p> <p>“com relação ao toque eu espero a ação dela, eu fico na reação, quando ela me toca aí eu toco”</p> <p>“ajuda profissional nesse processo é vital, ensinou a gente a falar, não o que o outro quer ouvir, mas você realmente ter a liberdade de ser o que é”</p> <p>“eu ia toda tarde pra casa do meu pai, tinha piscina, era uma forma de me aproximar, ensinei ela a nadar, mergulhar”</p> <p>“no início as vezes ela me chamava de tia, de mãe, a gente vai construindo aos poucos”</p> <p>“contar a história ajuda, fizemos um livrinho com fotos dos parentes, fui mostrando, isso é ser família”</p> <p>“sair em muitos programas juntas, ir no circo, no cinema, a gente tinha muito o hábito de ir ao cinema juntas, era algo que eu percebia que ela gostava”</p> <p>“tem que criar a capacidade de se colocar no lugar do outro, imaginar uma menina tão pequena, sozinha, tendo que ir de um lugar para o outro, tendo que aprender a confiar”</p>
--	---	--

	<p>“a gente teve muita ajuda pra começar a dialogar [...]</p> <p>“com conversa a gente resolve tudo [...]</p>	<p>“a gente teve muita ajuda pra começar a dialogar, o P. e os meninos dele tem o hábito de conversar e isso foi algo que a gente incrementou na relação</p> <p>“com conversa a gente resolve tudo, ela sabe que não precisa esconder nada, pode trazer o amigo que for, pode falar de droga, pode falar de bebida, se tirar uma nota baixa não vai ter punição, é isso”</p>
Desafios	<p>[...] ela ameaçava que ia cortar a tela da janela do apartamento e fugir [...]</p> <p>[...] tudo era culpa minha”</p> <p>[...] ela tinha medo de punição e de ser rejeitada [...]</p> <p>[...] tem que tentar entender e ressignificar as coisas”</p> <p>“passamos vários constrangimentos na rua [...]</p> <p>“aprender a conversar e dar voz pra ela [...]</p> <p>“as referências de sexualidade dela eram muito diferentes e foi uma questão [...]</p>	<p>“tinha um armário de facas que eu trancava sempre, porque ela ameaçava que ia cortar a tela da janela do apartamento e fugir, então foi bem difícil”</p> <p>“dei uma bicicleta, ela caiu no primeiro dia, pegou uma raiva da bicicleta e de mim e falava não quero mais ficar aqui, eu me machuquei, você me machucou, tudo era culpa minha”</p> <p>“a confiança levou anos pra ser criada, ela tinha medo de punição e de ser rejeitada, ela teve problemas sérios de ansiedade e depressão”</p> <p>“adoção tardia é complicado, porque tem que quebrar o que aconteceu antes, tem que tentar entender e ressignificar as coisas”</p> <p>“passamos vários constrangimentos na rua, eu branca e ela preta, as pessoas falavam, mas não é sua filha de verdade não né?”</p> <p>“aprender a conversar e dar voz pra ela, pra que ela tivesse a segurança de falar o que ela quisesse e confiar em mim, isso foi o maior desafio”</p> <p>“as referências de sexualidade dela eram muito diferentes e foi uma questão, dela achar que não seria aceita, mas aprendeu que poderia falar e a gente ia acolher com amor”</p>
Rede social e familiar	<p>“com a irmã era um xodó [...]</p> <p>[...] meu pai foi a pessoa que mais acolheu ela [...]</p> <p>“minha mãe sempre foi mais distante [...]</p>	<p>“com a irmã era um xodó, era uma coisa calma, tranquila, mas comigo batia de frente”</p> <p>“pra minha surpresa, meu pai foi a pessoa que mais acolheu ela, foi o maior acolhimento, então o vô era o xodó dela”</p> <p>“minha mãe sempre foi mais distante, mas ela é distante com a gente também, nos batia, nunca botou a gente no colo”</p>

	<p>“meus irmãos são muito afetuosos com ela [...]”</p> <p>“com a família extensa [...] foi muito legal, fizeram festa pra ela chegar, e virou o xodó”</p> <p>[...]teve muita ajuda, muito auxílio, muito apoio”</p> <p>“ela agora é chamada de caçulinha dos mais velhos do P.[...]”</p> <p>[...] elas são irmãs pela irmã [...]</p>	<p>“meus irmãos são muito afetuosos com ela, ficaram esperando, quando ela chegou foi aquela festa”</p> <p>“com a família extensa, levei quase dois anos pra apresentar, é uma família mais preconceituosa, então fui construindo com eles, botava foto no grupo e quando achei que estavam acostumados com a ideia levei e foi muito legal, fizeram festa pra ela chegar, e virou o xodó”</p> <p>“com a família nunca teve problema, pelo contrário, teve muita ajuda, muito auxílio, muito apoio”</p> <p>“ela agora é chamada de caçulinha dos mais velhos do P., eles são dois garotos amorosos, não teve problema, é a caçulinha deles”</p> <p>“eu e meu ex-marido temos uma relação boa, ele tem uma outra companheira que tem uma filha da idade da V. e elas dizem que elas são irmãs pela irmã, a relação de família é um mosaico”</p>
Rotina	<p>“a gente adorava ver filme de bicho na hora de dormir [...]”</p> <p>[...] tem que ter um olhar atento, são descobertas emocionais e físicas do dia a dia”</p> <p>“na rotina do dia a dia eles estão construindo [...]”</p>	<p>“a gente adorava ver filme de bicho na hora de dormir, então na hora de dormir a gente ficava juntas, abraçadinhas, então foi no dia a dia”</p> <p>“tinha dúvida sobre a questão emocional, se dorme sozinha ou não dorme, toma banho sozinha ou não, tem que ter um olhar atento, são descobertas emocionais e físicas do dia a dia”</p> <p>“na rotina do dia a dia eles estão construindo, eles vão à academia juntos, tem os assuntos de computador com ele”</p>
Vínculo atualmente	<p>“eu fui adotada por ela, ela me reconheceu como mãe [...]”</p> <p>“eu acordo cinco da manhã e faço a bandejinha [...]”</p> <p>“hoje a gente aprendeu a conversar [...]”</p> <p>[...] hoje que a gente ta conseguindo ter um afeto mais físico [...]</p>	<p>“eu fui adotada por ela, ela me reconheceu como mãe, veio a confiança, hoje ela se coloca no meu lugar, mas foi um processo de construção aos poucos”</p> <p>“eu acordo cinco da manhã e faço a bandejinha, quando ela acorda o café tá pronto, isso sempre fiz, desde que ela chegou</p> <p>“hoje a gente aprendeu a conversar, muito veio da minha estabilidade emocional, mas a gente passou por poucas e boas porque a gente não conversava”</p> <p>“abraçar, pegar, depois de dez anos, hoje que a gente está conseguindo ter um afeto mais físico, dar um beijo na hora de sair pra escola, é uma construção eterna”</p>

	<p>“hoje nós temos um diálogo aberto sobre tudo [...]”</p> <p>“hoje ela se sente pertencente ao grupo [...]”</p>	<p>“hoje nós temos um diálogo aberto sobre tudo, desde sexo, drogas, bebida, amigos e tudo, que antes não acontecia”</p> <p>“hoje ela se sente pertencente ao grupo, ela fala “meu pai”, apesar de chamar de P., para os outros é o meu pai, meus irmãos”</p>
Passado da criança	<p>“ela perguntava muito sobre a família biológica [...]”</p> <p>“a gente preservou o núcleo das primas e tratou elas como irmãs [...]”</p>	<p>“ela perguntava muito sobre a família biológica e eu explicava que uma mãe da barriga teve mais filhos do que podia cuidar”</p> <p>“a gente preservou o núcleo das primas e tratou elas como irmãs, elas se veem sempre, se acompanham nas redes, se fala o tempo todo, passamos natal juntos, dia das mães juntos”</p>

Tabela 2. Categorização dos dados do casal 2.

Casal 3 (C3)		
Categoria	Unidade de Registro (UR)	Unidade de Contexto (UC)
Comportamentos das crianças durante a vinculação	[...] perguntou pro J. se podia chamar de pai e mãe [...]	“Ela ainda chamava a gente de tio e tia, e perguntou pro J. se podia chamar de pai e mãe e a gente disse que sim, todos muito sem jeito, era tudo muito novo pra todos nós”
	“um dia do nada ela me chamou pra dar banho nela [...]	“ um dia do nada ela me chamou pra dar banho nela , e é algo muito íntimo então a gente ficou super feliz, mostrava que ela estava começando a confiar na gente”
	“ela pegou todos os porta retrato da casa e colocou em volta dela [...]	“ ela pegou todos os porta retrato da casa e colocou em volta dela , deitada na cama, ela dormiu com todos os porta retrato em volta, dormiu assim tranquila”
	[...] tia você sabia que eu fui adotada? [...]	“ela falou no meio da aula, tia você sabia que eu fui adotada? Que eu não nasci da barriga da minha mãe?”
	[...] eu não nasci da barriga da minha mãe e eu morava em uma outra casa”	“ela tratou isso de forma natural, começou a falar para os outros, eu não nasci da barriga da minha mãe e eu morava em uma outra casa ”
		“a professora falou que somos mamíferos, nascemos da barriga da nossa mãe e ela

	<p>[...] falou não tia, eu não nasci da barriga da minha mãe [...]</p> <p>“ela cantava não vou te abandonar e falava pra gente não vou te abandonar [...]</p> <p>“ela perguntou vamos pra casa de vocês? [...]</p> <p>“ela testava, e se eu não quiser mais ser filha de vocês? [...]</p>	<p>falou não tia, eu não nasci da barriga da minha mãe, e a professora teve que mudar toda a aula”</p> <p>“ela cantava não vou te abandonar e falava pra gente não vou te abandonar, então o medo do abandono era uma preocupação”</p> <p>“ela perguntou vamos pra casa de vocês? Eu disse não, pra nossa casa, que é sua casa também agora”</p> <p>“ela testava, e se eu não quiser mais ser filha de vocês? A gente dizia não tem mais jeito, é família pra sempre”</p>
Sentimentos dos pais	<p>[...] foi um encontro de almas [...]</p> <p>[...] ela nos ensinou nos ensinou a ser pais e a gente continua aprendendo”</p> <p>“essa era nossa maior preocupação [...]</p>	<p>“nosso vínculo com ela, não foi umbilical, mas foi um encontro de almas, ele foi gestado junto com ela”</p> <p>“a gente aprendeu mais com ela do que ela com a gente, ela nos ensinou nos ensinou a ser pais e a gente continua aprendendo”</p> <p>“essa era nossa maior preocupação, que ela se sentisse segura, acolhida e amada”</p>
Ferramentas que auxiliaram a vinculação	<p>[...] eu não posso perguntar pra você se eu mamava na mamadeira porque você não vai saber [...]</p> <p>[...] ficamos como se ela tivesse mesmo recém nascida [...]</p> <p>“íamos todos os dias [...]</p> <p>[...] falamos agora você vai descobrir aonde é a sua casa [...]</p>	<p>“em uma lição sobre quando você era bebê ela disse mãe eu não posso perguntar pra você se eu mamava na mamadeira porque você não vai saber, então eu vou perguntar o que eu gostava de comer quando eu tinha três anos, ela mesma encontra essas saídas”</p> <p>“a gente não saia, fazia as coisas só nós três, ficamos como se ela tivesse mesmo recém nascida, porque ela foi recém nascida na nossa família”</p> <p>“íamos todos os dias, sentávamos embaixo da mangueira, estendia a esteira, brincava, tirava foto das coisas”</p> <p>“colocamos fotos da gente por toda a casa e na porta, falamos agora você vai descobrir aonde é a sua casa, e ela saiu pelos corredores”</p>

	<p>“o estágio de convivência foi muito importante [...]”</p> <p>“respeitamos o espaço dela [...] fomos ensinando [...]”</p> <p>“tinha um tempo pra nós dois [...]”</p> <p>“a gente se permitiu ficar bem nas nossas relações [...]”</p> <p>“a gente conversou com ela [...]”</p> <p>“a gente criou o sanduíche de filha [...]”</p> <p>[...] a gente sempre falou que nossa família é pra sempre [...]</p> <p>[...] ela teve sempre liberdade pra falar as coisas que ela não gostava”</p> <p>“ela sempre teve liberdade pra questionar a gente [...]”</p> <p>[...] a gente trabalha a confiança, mas também responsabilidade e consequências”</p> <p>[...] tem que ter confiança e respeito [...]</p> <p>“a gente fazia o aniversário da nossa família [...]”</p> <p>“ela tem a privacidade, intimidade, os segredos dela muito respeitados [...]</p>	<p>“o estágio de convivência foi muito importante, conhecemos nossa filha na casa que ela morava, com os amigos dela”</p> <p>“respeitamos o espaço dela, a casa laranja e fomos ensinando que ela ia ter outro espaço”</p> <p>“tinha um tempo pra nós dois, a gente sentava, tomava um vinho, conversava, porque a gente precisava estar bem”</p> <p>“a gente se permitiu ficar bem nas nossas relações, isso foi muito importante pra que ela se sentisse segura e se sentir segura com a nossa relação</p> <p>“a gente conversou com ela, que não precisava bater, nem de violência, mas que tudo bem sentir ciúmes”</p> <p>“a gente criou o sanduíche de filha, se ela visse a gente abraçando, ela podia vir que a gente abraçava ela também”</p> <p>“sobre dela ter sido devolvida, a gente sempre falou que nossa família é pra sempre, acho que isso ajudou muito a criar esse vínculo”</p> <p>“eu não gostei que vocês fizeram isso e isso, ela teve sempre liberdade pra falar as coisas que ela não gostava””</p> <p>“ela sempre teve liberdade pra questionar a gente, até hoje ela questiona”</p> <p>“ela ganhou autonomia pra ir sozinha para o parquinho, a gente trabalha a confiança, mas também responsabilidade e consequências””</p> <p>“nossa relação tem que ter confiança e respeito, isso fortalece nossa relação”</p> <p>“a gente fazia o aniversário da nossa família, era comemoração do nascimento da nossa família”</p> <p>“ela tem a privacidade, intimidade, os segredos dela muito respeitados, tem coisas que ela fala só pra ele e não fala pra mim”</p>
--	---	---

	[...] ela confia que não precisa esconder nada”	“ela tem um diário e fala aonde esconde a chave porque sabe que a gente não vai mexer, ela confia que não precisa esconder nada ”
Desafios	<p>“situação de preconceito ela vai ter [...]</p> <p>[...] ela batia na gente quando a gente se abraçava”</p> <p>“foi estressante e exaustivo [...]</p> <p>“a escola disse que ela tinha tdah e isso me irritou muito [...]</p>	<p>“situação de preconceito ela vai ter, porque é negra, passou por um processo de adoção</p> <p>“ela não conseguia ver a gente se abraçando, ela batia na gente quando a gente se abraçava”</p> <p>“foi estressante e exaustivo, de consumir a energia toda, a gente ficava acabado, de não aguentar mais”</p> <p>“a escola disse que ela tinha tdah e isso me irritou muito, a gente sentiu a coisa do preconceito com a situação dela”</p>
Rede social e familiar	<p>[...] eu tenho uma família grande, não é só meu pai e minha mãe”</p> <p>[...] ela foi a sensação da festa”</p> <p>“os laços que ela criou através da escola foram muito importantes [...]</p> <p>“não temos rede de apoio familiar aqui [...]</p>	<p>“minha família é gigante, tem muitos primos e pra ela foi importante entender eu tenho uma família grande, não é só meu pai e minha mãe”</p> <p>“na família dele, como tinham muitos adultos ela foi a sensação da festa”</p> <p>“os laços que ela criou através da escola foram muito importantes, ela aprendeu a administrar suas outras relações”</p> <p>“não temos rede de apoio familiar aqui, então o lugar mais seguro é a escola”</p>
Rotina	<p>“nós tentamos acompanhar o horário do abrigo [...]</p> <p>“no início era uma rotina um pouco cansativa [...]</p> <p>[...] a gente se deu a oportunidade de ter nosso momento casal, além do de pai e mãe [...]</p>	<p>“nós tentamos acompanhar o horário do abrigo, eles dormiam às 20h, então a gente colocava ela pra dormir cedo”</p> <p>“no início era uma rotina um pouco cansativa, de contar as histórias, fazer nana”</p> <p>“nossa rotina não mudou, a gente se deu a oportunidade de ter nosso momento casal, além do de pai e mãe e fortaleceu nossa relação, mesmo com a chegada dela”</p>
Vínculo Atualmente	[...] a relação de vínculo é pra vida inteira [...]	“nossa parentalidade não terminou quando acabou a licença adotante, a relação de

	<p>“ela está se mostrando poderosa e segura [...]”</p> <p>“até hoje quando acorda ela vai pra nossa cama [...]”</p>	<p>vínculo é pra vida inteira e a gente tá construindo ainda”</p> <p>“ela está se mostrando poderosa e segura, conversando sobre isso com a maior naturalidade do mundo”</p> <p>“até hoje quando acorda ela vai pra nossa cama, a gente chama vem fazer um sanduiche de filha”</p>
Passado da criança	<p>“ela perguntou como será a mulher que eu fiquei na barriga? [...]”</p> <p>“no primeiro ano ela quis ir ao abrigo e fomos [...]”</p>	<p>“em uma conversa ela perguntou como será a mulher que eu fiquei na barriga? Será que ela tem um cabelo igual o meu? E eu disse que deve ter, deve ser tão bonita quanto você”</p> <p>“no primeiro ano ela quis ir ao abrigo e fomos, só que todos os amigos da casa laranja já tinham sido adotados”</p>

Tabela 3. Categorização dos dados do casal 3.

Casal 4 (C4)		
Categoria	Unidade de Registro (UR)	Unidade de Contexto (UC)
Comportamentos das crianças durante a vinculação	<p>[...] falou que ia embora pra casa da vó [...]</p> <p>“elas identificaram como somos diferentes no lidar com elas [...]”</p> <p>“elas perguntaram posso chamar de pai? [...]”</p>	<p>“a mais velha falou que ia embora pra casa da vó, até pra dizer que está brava e quer ir embora, iria pra casa da família extensa”</p> <p>“elas identificaram como somos diferentes no lidar com elas, ele brinca mais, eu brinco menos”</p> <p>“elas perguntaram posso chamar de pai? E desde o primeiro dia chamaram de pai sempre”</p>
Sentimentos dos pais	<p>“acho que o vínculo é uma construção [...]”</p> <p>“sempre tive receio com a mais velha [...]”</p>	<p>“acho que o vínculo é uma construção, foi construído, não comecei a amar desde o primeiro dia, acho isso meio romantizado, meio Pollyana”</p> <p>“sempre tive receio com a mais velha, ela sempre foi muito inteligente e psicologicamente madura demais”</p>

	“trabalhar com o real e sem ter um ideal de filho [...]	“ trabalhar com o real e sem ter um ideal de filho , acho que isso ajudou”
Expectativas	[...] a gente nunca imagina como é na realidade” “a gente acha que a criança vai ser grata porque a gente tirou e um lugar que não era legal [...]	“no curso te dão um choque, mas a gente nunca imagina como é na realidade” “ a gente acha que a criança vai ser grata porque a gente tirou e um lugar que não era legal , e não é isso, ela vem com toda a carga emocional dela”
Ferramentas que auxiliaram a vinculação	“tivemos que entrar no mundo delas [...] “comecei a fazer terapia pra entender essa nova configuração familiar [...] “fizemos a certidão de nascimento com nossos sobrenomes [...] “foi importante para o vínculo elas se sentirem seguras com a gente [...] “teve muito diálogo com elas [...] [...] elas serem livres pra falar e trazer as memórias delas” “entendemos que elas já chegaram com uma identidade [...] “sempre mostramos respeito com o corpo delas [...] [...] teve suporte pra elas passarem pelo luto familiar [...]	“ tivemos que entrar no mundo delas , de roupa, cabelo, maquiagem, a gente teve que se adaptar” “ comecei a fazer terapia pra entender essa nova configuração familiar , depois as coisas começaram a se estabilizar” “fizemos a certidão de nascimento com nossos sobrenomes, elas acompanharam, isso ajudou no processo de vinculação” “ foi importante para o vínculo elas se sentirem seguras com a gente , saber que não tinha a possibilidade de serem devolvidas” “ teve muito diálogo com elas , muita conversa, explicar as coisas” “nunca proibimos elas de falar nada, elas contam e a gente acolhe, conversa, isso ajudou na vinculação, elas serem livres pra falar e trazer as memórias delas ” “ entendemos que elas já chegaram com uma identidade , diferente de um bebê que a gente vai construindo juntos” “ sempre mostramos respeito com o corpo delas , ensinamos que é seu corpo, só toco se você deixar, isso ajudou a criar confiança” “o abrigo foi muito bom, porque tinha acompanhamento psicológico, teve suporte pra elas passarem pelo luto familiar lá, pelo desapego à genitora pra depois iniciar a inserção na nova família”

	<p>“a gente ia todo dia no abrigo pra conviver com elas [...]</p>	<p>“a gente ia todo dia no abrigo pra conviver com elas, trouxemos pra passear, pra dormir em casa e foi aumentando aos poucos”</p>
Desafios	<p>“as duas funcionaram de formas muito diferentes [...]</p> <p>“tivemos situações chatas [...]</p> <p>“lidar com o outro foi difícil [...]</p> <p>“no começo tive atritos com a mais velha [...]</p> <p>“o mais difícil foi lidar com o desconhecido [...]</p> <p>[...] quando elas vieram foi uma revolução, puseram tudo isso abaixo [...]</p>	<p>“as duas funcionaram de formas muito diferentes, a mais velha veio sem medo de ser devolvida, personalidade forte, e a mais nova era mais contida, ela tinha um medo de ser devolvida”</p> <p>“tivemos situações chatas, uma moça perguntou cadê a mãe dessas crianças? Eu falei, a mãe tá aqui fazendo a barba”</p> <p>“lidar com o outro foi difícil, sair da minha bolha, isolado, pra compartilhar com o outro foi uma grande dificuldade”</p> <p>“no começo tive atritos com a mais velha, nós dois temos gênio muito forte, e a gente não se entendia”</p> <p>“o mais difícil foi lidar com o desconhecido, não saber o que vem, deu um pouco de medo”</p> <p>“eu sou super sistemático e planejador, quando elas vieram foi uma revolução, puseram tudo isso abaixo, lidar com isso foi difícil”</p>
Rede social e familiar	<p>“a gente não tem uma rede de apoio aqui em Brasília [...]</p> <p>“elas foram muito bem aceitam na família extensa [...]</p> <p>“com os amigos foi aceitação total [...]</p> <p>[...] as meninas eram todas quietas e elas uniram e fizeram a gangue das meninas [...]</p>	<p>“a gente não tem uma rede de apoio aqui em Brasília, isso a gente sentiu falta”</p> <p>“elas foram muito bem aceitam na família extensa, nas duas partes, elas se sentiram acolhidas”</p> <p>“com os amigos foi aceitação total, fizeram um chá de boas-vindas, foram muito aceitas”</p> <p>“a coordenadora falou que quando elas chegaram nessa escola, as meninas eram todas quietas e elas uniram e fizeram a gangue das meninas”</p>
Rotina	<p>“ele ajudava muito no banho com elas [...]</p>	<p>“ele ajudava muito no banho com elas, ele ficava lá, ensinava como se limpar,</p>

	<p>“foi uma revolução, ter que fazer comida todo dia [...]</p> <p>“se adaptaram fácil à nossa rotina [...]</p>	<p>onde tinha que lavar, era um banho fiscalizado</p> <p>“foi uma revolução, ter que fazer comida todo dia, eu não tinha noção da prática de ter que cozinhar todos os dias”</p> <p>“se adaptaram fácil à nossa rotina, era algo melhor do que estavam acostumadas, mas mesmo assim a gente botava regras, horários...”</p>
Vínculo Atualmente	<p>“hoje as questões que existem são questões de qualquer pré-adolescente [...]</p> <p>“acho que o vínculo foi tão bem formado que hoje elas se sentem à vontade de desafiar a gente [...]</p>	<p>“hoje as questões que existem são questões de qualquer pré-adolescente, como os entendimentos de escola”</p> <p>“acho que o vínculo foi tão bem formado que hoje elas se sentem à vontade de desafiar a gente, de brigar, de ser respondona, porque elas se sentem seguras”</p>
Passado da criança	<p>“a mais velha teve saudade do genitor, veio conversar [...]</p> <p>“no primeiro mês pediram pra visitar o abrigo [...]</p>	<p>“a mais velha teve saudade do genitor, veio conversar e a gente acolheu, disse que era normal, não tinha problema sentir isso e ela nunca mais falou”</p> <p>“no primeiro mês pediram pra visitar o abrigo, mas viram que os amiguinhos mudaram aí desencanaram de ir lá”</p>

Tabela 4. Categorização dos dados do casal 4.